JORNAL DAS MOÇAS

-ANNO 2-Nº 22-
-RIO-1 de ABRIL-
-1915-

400 Rs.

FABIAN

Senhorita Edith de Oliveira

(Cliché da phot. Guimarães & Comp. — Assembléa, 100)

ASPECTOS DO RIO — Um bello trecho da Avenida Central, divulgando-se os edificios do Theatro Municipal e Conselho Municipal

FOLHETIM 21

JULES MARY

AMO-TE

Segunda parte

— E' isto o que se chama amor? Si assim, é muito suave e muito cruel...

Genoveva encontrou-se com Turgis.

— E' então muito difficil o que tendes a pedir, pois que vos foi preciso um intermediario? Vou falar-vos francamente, senhor Turgis. Terei orgulho em ser vossa mulher. Não se é enganada duas vezes, Conheço a nobresa de vosso caracter, a vossa franqueza, o vosso coração. Ser a mulher de um homem como vós, é encher a vida de venturas.

— Oh! Genoveva!...

— Entretanto, tenho objecções a fazer, permitti?

— Ellas não poderão manter-se de pé diante de meu amor.

— Para começar, eu não estou divorciada.

— Sob este ponto de vista, não ha que dizer. A lei é por vós. E' formal. Vosso pae não vos informou já a respeito?

— Seja assim. Outra objecção, Turgis, surge do proprio cargo que occupaes. E' impossivel um magistrado esposar uma mulher cujo nome figura na *Gazeta dos Tribunaes*, por entre processos celebres.

— E' verdade, mas já penso nisso desde muito tempo. Pedirei demissão, continuo como advogado e livre, portanto.

— Cortaes assim a vossa carreira,

— Que importa, Genoveva, si vos amo!

— E' o grande argumento, sei disso. Uma terceira objecção, Turgis, surge da minha propria hesitação.

« Não procureis interromper-me nem me dirijaes censuras. Sobre tudo não me venhais dizer que não vos amo, porque sereis injusto.

« Si hesito, Turgis, é porque desejava que o drama de minha vida estivesse mais afastado de mim. A sua lembrança está tão viva ainda!

« Geralmente quando sonho, minhas idéas são perturbadas ainda como agua por muito tempo agitada. Esperae que a agua fique clara, meu caro Turgis, e amai-me, amai-me o mais que puderdes, a isso vos autoriso; não vos tenho permittido isso já ha tanto tempo?

— Genoveva, vós me fazeis morrer de alegria!

Ella teve um gesto adoravel, todo cheio de graça, de ternura e de emoção.

— Eu vol-o prohibo, disse ella, seria cedo de mais.

Alguns dias depois desta conversação, Genoveva sahira com Magdalena e Henriquinho a passeio pelas margens do Deule.

A tarde os surprehendeu longe de casa e elles vieram pela fabrica de vidro.

Um silencio verdadeiramente silencioso pesava sobre o campo em fóra.

O sol, no horisonte, mergulhava o seu grande disco lentamente, como para se retemperar e repousar suas forças num banho de nuvens transparentes atravez das quaes, por duas vezes ainda, elle foi visto.

Os prados estavam cobertos de plantações de varias especies. O sol acabava de operar a sua obra bemfazeja e tinha espalhado pela terra toda a riqueza de seus raios fecundantes.

Agora repousava e, por traz delle, no azul pallido do céo aquecido por um dia torrido, formava-se um cortejo de flocos de um roseo delicado, que se diria alli collocados para substituir aos olhares dos homens o mysterio do accaso do astro soberano.

O Deule rolava entre os juncaes de suas margens que se inclinavam, não pelo vento, pois nem um sopro de brisa agitava o ar, mas pelos saltos dos bandos de lavadeiras, em busca de um pouso onde ficassem ao abrigo das aves de rapina.

Estreitos atalhos torciam-se por entre o trigal, mas alto que Genoveva. A joven por um delles embrenhou-se, seguida de Henriquinho, que levava a céga pela mão.

— Que bella tarde! disse a céga. E como tudo se sente bem e parece bom...

Ella avançava, estendendo os braços de cada lado, a curvar as espigas com a doce caricia de suas mãos.

— Centeio, aveia, trigo, candial, ainda aveia, dizia ella. Não ouves o bulicio murmuroso da noite pelas plantações? Como deve ser bello! Eu não me recordo mais. Era tão pequena!...

Calou-se, abysmado numa meditação profunda, vendo si encontrava por entre as suas longinquas reminiscencias essas paisagens nunca mais perdidas para os seus olhos, ora cerrados á luz.

Em torno da fabrica de vidro, um rumor do movimento de vehiculos, de martellos, de machinas, de vozes que chamam e das dos fornos que roncavam, enchia tudo.

Ella foi saudada por operarios que impelliam um wagonete sobre os trilhos.

As portas, entreabertas um insistante, deixavam ver os torsos nús dos operarios vidraceiros diante das flammas dos fornos, iguaes em sua pose aos arautos das antigas fanfarras guerreiras.

Curvados, o punho apoiado nas ancas, elles sopravam, quasi a romper o pescoço, em longos tubos á extremidade dos quaes ia inchando um pedaço de pasta em fusão.

A céga afastou-se. O rumor cessou desde logo. Ella viu-se em pleno silencio.

No momento em que ia penetrar no bosque, um operario cruza com ella e perfila-se para deixal-a passar, devido á estreiteza do caminho.

Era um alto rapaz, de espaduas largas e de apparencia robusta. Sua cabeça descoberta, queimada pelas flammas, dá idéa de grande energia.

Usa barba toda. Está vestido como os outros, camisola de panno grosso e uma calça de couro.

Diante de Genoveva elle curva respeitosamente a fronte para saudal-a.

Ella o encara, distrahida. E, bruscamente, pára, retendo um grito.

Os olhos do operario encontraram-se com os da joven patrôa. Curvou ainda mais a fronte e seguiu, a vacillar como um ébrio.

— Estou louca! disse Genoveva... que estou a pensar?... Este pobre diabo parece-se com Heitor, eis tudo!

Vãmente, procura assegurar-se do que vira. Vãmente poz-se a rir muito alto.

— Cousa exquisita!...

O operario retomou uma attitude mais firme, mais correcta, e essa attitude imagina Genoveva reconhecer tambem. E' o porte do seu marido, é a sua cabeça, os seus olhos, sobretudo! Só a cutis está mais amorenada e Montbriand não usava assim barba longa.

Que queria dizer aquillo?

Entretanto, ella recusa dar credito ao que via. Heitor feito obreiro! Heitor na fornalha, nú até á cintura, trabalhando como o ultimo dos aprendizes. Finalmente Heitor em sua casa!!

Ella volta-se de repente para Magdalena. Sabe quanto o sentido da audição é desenvolvido nos cégos. A criança está sentada e mil arrepios a agitam.

— Que tens tu? Fala... quero saber.

— Um homem está ahi, parou perto de nós... creio ter reconhecido o rumor de seus passos. Será, querida mãe, que me tenha enganado? Não estás tremula tambem, e o mesmo pensamento parece que invadiu teu espirito. Não é elle, querida mãe?...

A condessa esqueceu-se de responder...

A noite tinha descido inteiramente. Immovel, agitada, Genoveva não deixava de olhar para o caminho empachado de taboas, de carrinhos de mão, de caixas para emballagem e de outros utensilios pelos quaes o homem havia passado como uma apparição.

Ao fundo, a fabrica de vidro surgia em meio das trevas como um monstro gigantesco com os seus cem olhos de

chammas vermelhas que serviam para manter a temperatura elevada dos fornos incandescentes.

As altas chaminés manobravam com os brazeiros interiores, fazendo explodir no ar os enxames de estrellas faiscantes.

Ao longe, essas estrellas turbilhonantes pareciam subir, subir sempre, para o calmo infinito e ficar presas ao azul sombrio do firmamento.

II

A condessa não conseguiu absolutamente dormir. Uma febre de inquietação e de receio a mantinha acordada.

Era verdadeiramente com Heitor que havia sonhado? Oh! ella se asseguraria disso no dia seguinte..

Como duvidar? Seria possivel uma tal semelhança? O olhar sobretudo a sorprehendera bastante.

Antes, o olhar de Heitor era brilhante e um pouco severo. O do operario, porém, era como que velado, suave e triste.

No silencio da noite, numa agitação medrosa, a rolar em seu leito, surgiam-lhe os menores detalhes dessa visão.

Descobria agora que tinha o ar confuso esse operario: não a havia saudado com ar alegre, como fazia com os outros. Curvara a cabeça como um criminoso, ao ver passar o juiz ante o qual respondera pelo seu delicto.

Seria mesmo Heitor? E porque transformado agora em operario? Teria querido approximar-se della por esse meio? Com que fim?

Foi-lhe preciso sem duvida um longo tempo para a aprendizagem de vidraceiro.

Entretanto, Montbriand levara sempre, até alli, uma existencia de desoccupado, durante toda a sua mocidade, para que o gosto do trabalho rude de operario de vidro lhe surgisse de repente.

Depois, si a difficuldade lhe havia surgido durante a sua ausencia, muitos outros recursos lhe restavam. Suas relações em Paris eram numerosas e importantes.

Deslocando-se, consentindo em viver longe da França, com certeza ser-lhe-ia facil encontrar qualquer occupação honrosa e bem retribuida. Depois, seu tio de Villaborel era rico, e bem que o general levasse uma existencia bastante apertada, comtudo não seria capaz de deixar seu sobrinho entregue á miseria.

Não era então Heitor?...

A manhã a sorprehendeu tal como se havia deitado.

Levantou-se. Sua fadiga habitual fôra substituida naquelle dia por uma singular animação. Tinha rosadas as maçãs do rosto.

Subiu logo cedo, inteiramente só desta vez, tomando o mesmo caminho da vespera. Passou pelos mesmos atalhos, seguindo á margem do Deule, donde já haviam retirado as lavadeiras, atravessando os campos da cultura e pisando com seu pé ligeiro, nos atalhos mais estreitos, as papoulas sylvestres e as escovinhas.

Um pouco de orvalho pendia ainda das folhas dos arbustos e das hervas, molhando as pontas envernisadas de suas botinas.

Ella penetrou na fabrica e visitou todos os pontos onde se trabalhava.

Não viu em parte alguma o operario da vespera. Fez signal ao director para vir falar-lhe.

Era um homem baixo, de cabellos brancos, barba ainda grisalha, cheio, ro busto e alegre. Chamava-se Rosen, mais conhecido pelo pessoal da fabrica como Pae José.

Elle approximou-se da patrôa.

—Apresentae-me a lista de todos os vossos operarios, senhor Rosen.

—E' um instante, senhora. Mas si só tendes alguma informação a pedir sobre qualquer delles, eu os conheço todos e poderei dar-vos a respeito e já qualquer esclarecimento.

— Não. Esta lista é sufficiente.

— Então, acompanhae-me ao meu gabinete.

Em parte algum foi encontrado o nome de Montbriand, isto aliás não a sorprehendeu, pois já esperava este resultado.

Rosen lançava-lhe um olhar prescrutador.

— Não esquecestes ninguem, perguntou ella, todos os operarios estão incluidos na relação nominal?

— Certamente, desde os aprendizes e serventes até os mestres e contra-mestres.

— Está bem, obrigada.

Ella sahiu do gabinete, percorreu de novo as salas de trabalho.

— Quem sabe, minha senhora si o operario que procurais com tanto empenho, não faz parte da turma que entra em serviço ao meio dia?

Com effeito isto era bem possivel de acontecer e por isso prometteu voltar.

A' tarde, ainda sósinha, sem que nada tivesse dito ao pae Trinque a respeito das suas pesquizas, ella estava de volta.

Entrou e apenas tinha penetrado no vasto salão, sentiu-se quasi sem forças para proseguir.

O homem visto na vespera lá estava, diante de si, costas voltadas, mostrando a sua nuca robusta de onde nascia a basta cabelleira negra. Em camiseta de trabalho, os braços nús, trazia amplo avental azul.

Genoveva passou e quando se achou um pouco distante olhou-o face a face.

Elle parecia não tel-a visto e não acompanhou seus companheiros que saudavam Genoveva com um sorriso respeitoso.

O operario occupava-se na fabricação de vidros, com o cadinho diante de si.

Soprava ligeiramente, estreitando a massa vitrea de modo a dar-lhe a fórma de uma pêra. Num de seus movimentos rapidos deixou cahir a peça em fabricação que se foi quebrar no ladrilho do chão.

Elle estava evidentemente perturbado.

(*Continúa*).

O Jornal das Moças não tem agente viajante. — Todos as assignaturas devem ser pedidas directamente á administração ou por intermedio dos agentes de publicações autorisados nas cidades do interior.

PREÇO DA ASSIGNATURA

Anno, 10$000 — Semestre, 6$000

Para qualquer Estado do Brazil

Agentes: — Estado de Minas: Masotti Russo & C., Bello Horizonte; Juiz de Fora: M. Campos & C.; Barbacena: Adelino de Azevedo; Januaria: J. Medeiros Junior. Jequery: Srta. Sinhá Gomes; Itajubá: José Lobato Chaves; S. João Nepomuceno: Alexandre F. Lobão; Leopoldina: Osmar Guimarães; Uberabinha: Olyntho Gonçalves Franco; Caethé: Noemi Pinto Guerra; Sete Lagoas: Tancredo de Freitas.

No proximo numero continuaremos esta relação

ANNO II — RIO DE JANEIRO, 1.º DE ABRIL DE 1915 — NUM. 22

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

EXPEDIENTE

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS

Anno . . . . 10$000
Semestre . . . . 6$000

PAGAMENTO ADIANTADO

Numero avulso 400 réis ; nos Estados 500 réis

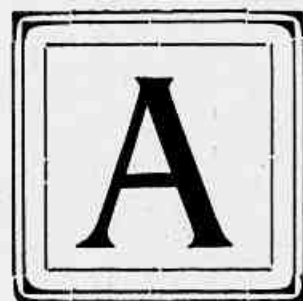
As importancias das assignaturas podem ser remettidas em carta registrada, vale postal ou ordem para casa commercial desta praça.

As assignaturas começam em qualquer dia, mas terminam sempre em Junho e Dezembro.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a F. A. Pereira, director e proprietario —Caixa Postal 421.

Os originaes enviados a redacção não serão restituidos.

Redacção e Administração — Rua S. José, 55 — 1.º andar

CHRONICA

AFIGUROU-SE a um *anonymo* que endereçou a um diario umas linhas apocalypticas, que a sociedade brazileira está num periodo agudo de deliquescencia moral que ha de conduzil-a infallivelmente a uma deploravel ruina physica.

O luxo, o incitamento constante aos prazeres puramente materiaes são, segundo a sua opinião, as causas fontes de toda a sorte de males que um dia não distante nos hão de entregar ao saque dos invasores estrangeiros avidos de terras fartas para saciar a sua sêde de expansionismo.

Os excessos do carnaval em que uma grande parte da nossa população se salientou, convem notar, com desbragamento e sem um fito artistico, provocaram a ira do extranho e incognito moralista.

E não deixa de ter a sua particula de razão.

Não queremos concordar em que a nossa sociedade já esteja nas cercanias da depravação que caraterisou a Roma da decadencia, em que pouco faltou para que se creassem penas severas para punir os «criminosos de excessos de honra e moralidade».

Embora não estejamos nesse tempo, a questão depende apenas de avançarmos no caminho...

Para que havemos de mentir para lisonjear?...

Não pregamos a rotina, o regresso ao patriarchado preso a idéas deploraveis, cultivador da ignorancia como a maneira de realisar o problema da felicidade, nem desejamos que aos pobres de espirito seja dado o reino dos céos...

* * *

Todas as sociedades em todos os tempos bateram-se por um ideal, ainda que esse ideal fosse uma loucura. A luta caraterisou sempre todos os povos.

E foi desse entrechocar violento de energias e de ambições que surgiram as mais fulgurantes manifestações estheticas, as maiores conquistas em beneficio da vida calma e confortavel, correndo serena no meio do bem, da bondade e da belleza.

O que podemos notar entre nós é que não ha, collectivamente um ideal superior a agitar as almas unindo os sentimentos puros em pról da felicidade geral.

Isso não quer dizer que o anonymo moralista que dirigiu o seu appello á imprensa tenha razão em todos os pontos da sua queixa, que nos parece sincera.

Com tristeza, porém, devemos constatar que em parte foi razoavel e sensato. E' á imprensa que elle péde auxilio, á imprensa que trilha a estrada da verdade e da moral...

E é com amargura que vemos, caras leitoras, uma grande parte da *imprensa esthetica* fazendo a apologia de vicios atrozes, quasi que indirectamente aconselhando o uso do opio e do *haschich* como sendo provas da mais requintada elegancia !...

* * *

Nós, que desde o nosso primeiro numero indicamos no nosso programma o dever de pugnar pela moral suprema só podemos nos alegrar com o facto de alguem se haver erguido para incognitamente levantar a voz contra uma corrupção em germen que nos ameaça muito de perto...

Senhorita Julieta de Oliveira Guimarães
alumna do 4° anno do Instituto Nacional de Musica, filha do sr. Homéro de O. Guimarães, funccionario da E. F. Central, e nossa constante leitora

A MAIOR PRAGA que actualmente assola o Rio de Janeiro é, não ha duvida nenhuma, o theatro por sessões.

Não se vê nesse genero de dramatismo o mais ligeiro toque de arte, a menor particula de criterio.

A antiga revista de anno passou a chamar-se burleta, e desceu.

Essas «peças», as mais das vezes sem espirito, com titulos de sentido ambiguo, crivadas de palavras de calão contribuem para corromper cada vez mais o gosto incultivado das nossas platéas ingenuas!...

E é comico o que acontece de quando em quando: os mesmos cavalheiros que escrevem essas fantochadas, surgem armados de ponto em branco, implorando auxilios aos governos e dizendo que é preciso defender o *theatro nacional!*...

Temos o prazer de annunciar aos nossos leitores para breve a valiosa collaboração do distincto homem de lettras e provecto professor, padre dr Etiénne Brazil, que nos prometteu com a sua habitual gentileza, uma série de artigos sobre feminismo, escriptos no estylo elevado e attrahente que é um dos caracteristicos dos trabalhos do eminente escriptor.

A arte de ser elegante

Começa o outomno com as primeiras chuvas de março sem a quéda das folhas.

Começa um outomno que ainda tem alguns dias caniculares, mas que revigora as arvores fazendo-as ostentar com suprema arrogancia as suas cabelleiras verdes que dentro em pouco estarão vivadas de flores.

Os que foram encher com a sua elegancia e com o seu bom gosto as cidades de verão encravadas no cimo das serras entre penhascos e mattas, arripiados pelos primeiros carinhos asperos do frio, principiam a descer.

A avenida, tão vazia até agora, vae explender de novo na exhibição das suas mulheres lindas arrastando roupagens vistosas e gritalhonas, umas, outras na sua doce e sensitiva timidez de elegantes discretas...

* * *

Vae começar a existencia rutilante do Rio.

Vão ter inicio dentro em pouco as chamadas festas d'inverno, que não são mais que as verdadeiras festas da elegancia carioca, onde o alto mundanismo mostra a sua cultura e o seu espirito agudo.

Entre as reuniões de elegancia entre nós, destaca-se o *corso*, o celebre corso de carruagens e pedestres pela Avenida Beira-mar que o «Binoculo» inventou num instante de bom humor e que acabou sendo tomado a serio.

* * *

Porque, em vez do caricato desfile de automoveis durante duas horas ininterruptas, não instituimos as reuniões nos jardins?...

Os habitantes da Tijuca terão a praça Saens Peña, os de Botafogo a linha ajardinada da linda praia, os da Gloria o encantador jardim do sopé do outeiro do mesmo nome, emfim em cada bairro os habitantes poderão celebrar duas ou tres vezes por semana reuniões nos jardins que terão assim um movimento que lhes animará a belleza florida dos canteiros.

Acreditem que amar as flores com ardor é uma prova de requintada elegancia.

YVONE.

Signorina Vittorita nos escreveu uma cartinha (em italiano) muito amavel e dando-nos conselhos muito acceitaveis para maior desenvolvimento da nossa modesta revista. Vamos tomar em consideração as palavras da gentil missiva e seriamos immensamente felizes se pudessemos contar com o apoio da benevolente *signorina* para o grande commettimento a que nos impelle.

A pobreza, além de ser um grande mal em si mesma, apparece-nos deveras enorme si pensamos que póde tambem fazer-nos ridiculos.

A fealdade é a verdadeira pobreza da mulher.

Anniversarios

Faz annos hoje a gentil senhorita Annita Franco, filha do sr. José Casemiro da Silva Franco, negociante em Bangú.

No dia 15 do mez findo festejou seu anniversario natalicio a gentil senhorita Iracema Cobra, residente em Barra Mansa.

Na cidade de Fortaleza, Estado do Ceará, onde residem, fizeram annos: no dia 1° de março o sr. Joaquim Magalhães, gerente do Banco do Ceará e Presidente da Phenix Caixeiral; no dia 3 as senhoritas Yveza Palmella, nossa assignante e Mocinha Gomes, filha do coronel Philomeno Gomes; no dia 19, d. Elvira Brandão de Paula Avelino, virtuosa esposa do dr. Raymundo de Paula Avelino e no dia 25, d. Annunciada Bastos Menezes.

No dia 21 festejou seu anniversario natalicio mme. Annita Peçanha, virtuosa esposa do dr. Nilo Peçanha, digno Presidente do Estado do Rio de Janeiro.

Por esse motivo foram muitos os cumprimentos recebidos pela distincta senhora, cujos dotes moraes e excellentes qualidades de coração, a tornam merecedora da estima e consideração dos fluminenses.

Casamentos

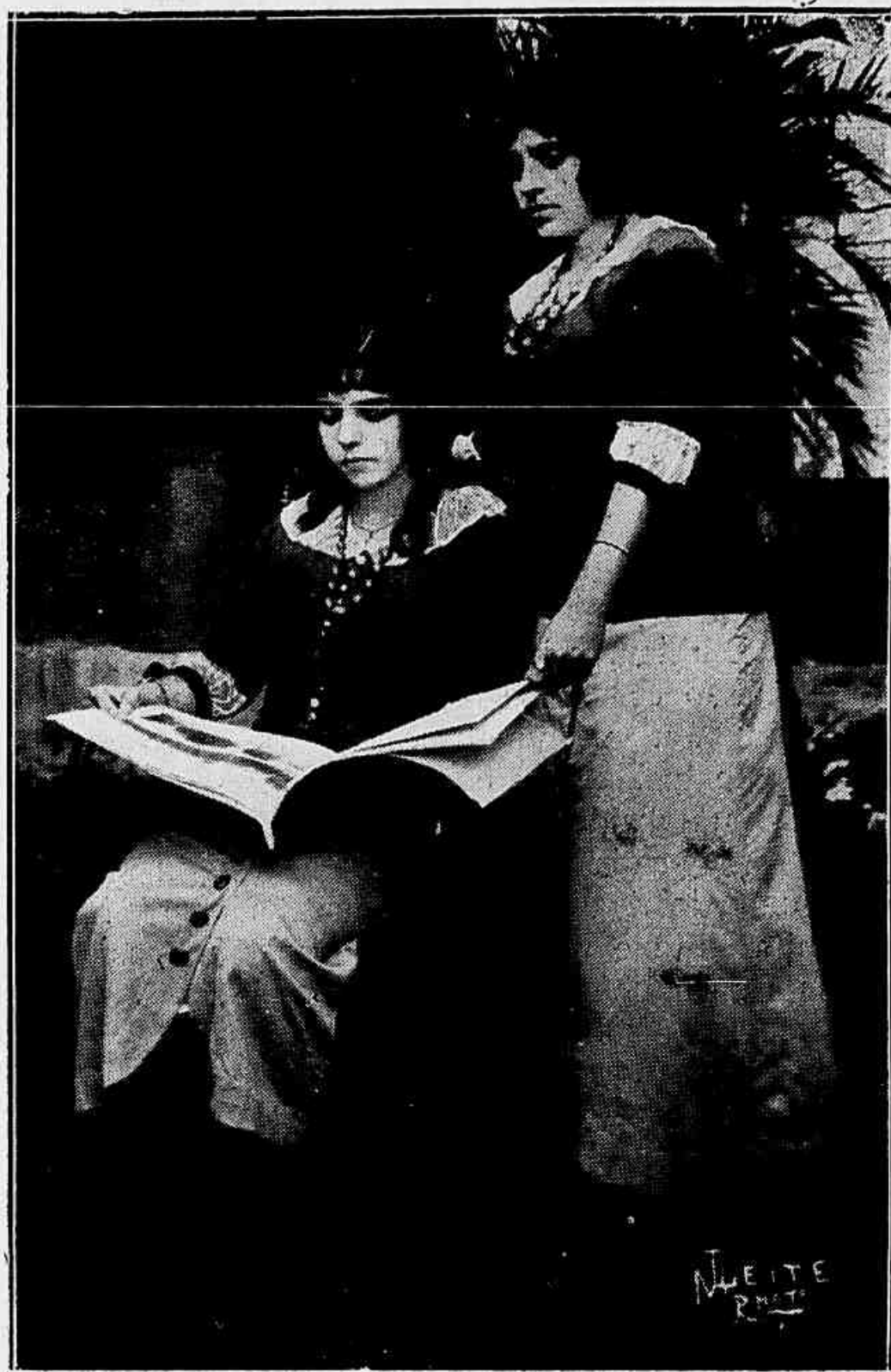
No dia 29 effectuou-se o enlace matrimonial da gentil senhorita Laudecena Borges Guimarães, fiilha do sr. José Borges Guimarães e de d. Maria Dulce Guimarães, com o sr. Eugenio de Souza Jordão, funccionario da Saude Publica.

O acto civil realisou-se á 1 hora da tarde, na 6ª Pretoria, e o religioso, ás 3 horas, na matriz de N. S. da Conceição, sendo celebrante o conego João Evangelista da Silva Castro.

No mesmo dia effectuou-se o consorcio da graciosa mlle. Guiomar Emilia Machado, filha do sr. Antonio Machado Velho, commerciante desta praça, com o sr. Rodolpho Rotschild Nogueira, funccionario do ministerio da Guerra.

Realisou-se no dia 20 o consorcio da graciosa mlle. Orminda Julia de Souza, filha do negociante em nossa praça sr. Custodio Pinto de Souza e de mme. Anna Julia de Souza, com o sr. Augusto dos Santos, socio da importante firma Souza & Santos.

No mesmo dia realisou-se o casamento do sr. Alvaro Tavares, negociante nesta praça com a gentil mlle. Maria Rosa Moreira da Silva.

Realisou-se no dia 13 do mez findo, o enlace matrimonial do distincto 2° Tenente da Armada Armando de Saint-Brisson Pereira, filho da illustrada directora do Jardim da Infancia, de Botafogo, mme. de Sainte-Brisson Pereira, nossa dedicada collaboradora, com a gentil senhorita Zuleika Moreira da Silva, filha do honrado negociante Julio Moreira da Silva.

Senhoritas Edith Moura e Denise Cabral, residentes em Fortaleza

O acto civil realisou-se em casa dos paes da noiva á rua Conde de Bonfim 118, e o religioso, na matriz de Engenho Velho.

Foram padrinhos da noiva no civil, o dr. Eduardo Moreira e esposa e o dr. Guerra Lobo e no religioso, o sr. Julio Moreira e esposa.

Foram padrinhos do noivo no civil, o sr. almirante Estevam Adelino Martins e esposa e o dr. José Chardinal e no religioso, o sr. General Serzedello Corrêa e exma. esposa.

Realisou-se no dia 19 do mez passado o consorcio do joven e distincto medico dr. Alfredo Monteiro com a gentil senhorita Altina, filha do dr. Candido Alves Mourão do Valle.

O acto civil teve logar ás 13 horas, na rua Figueira de Mello 444, e o religioso, na matriz do Engenho Velho, as 14 1/2 horas.

Conferencia

No dia 7 do corrente mez no salão do Fluminense Club o dr. Adelino de Magalhães realisará a sua annunciada conferencia « Em Revista », a qual será illustrada pelos habeis e *arteiros* lapis dos conhecidos caricaturistas Stele e Nery.

Instruir deleitando

Asno de Buridan

ESTA expressão traduz a situação embaraçosa em que nos achamos, quando solicitadas de dois lados não sabemos para onde voltar; isto é, quando temos dois offerecimentos, ambos valiosos e opportunos, porque vêm satisfazer um desejo nosso, mas, não sabemos qual acceitar primeiro.

Esse asno nunca existiu, nunca teve existencia real; é um asno imaginario.

João Buridan, celebre doutor do seculo XVII, em uma discussão com os seus collegas, sobre o livre arbitrio, imaginou a hypothese de um asno apertado pela fome e pela sede e que se achasse a igual distancia de um balde d'agua e de um molhe de feno. Por onde começaria elle a satisfazer as duas necessidades que o instigavam com a mesma energia?

Muita tinta e muito papel se gastou, mas os contendores nunca chegaram a um accordo.

* * *

Circulo de Popilio

«Minha amiga, collocas-me num verdadeiro *circulo de Popilio*. Como queres que te dê uma resposta, se ainda não tive tempo de pensar?»

E' este o sentido da phrase — *circulo de Popilio* — e que podemos empregal-a sempre que exigem de nós uma resolução, uma resposta, sem nos darem o tempo necessario para reflectirmos.

Popilio, foi como embaixador de Roma á Syria intimar ao rei Antiocho, para entregar as terras do Egypto de que illegalmente se tinha apossado. O rei declarou que queria consultar aos seus conselheiros. Porem, Popilio, com gesto imperioso traçou um circulo na areia, em torno de Antiocho e lhe disse:

«Antes de sahirdes deste circulo, dae-me a resposta que devo levar ao Senado.»

Escusado é dizer que o rei teve de se submetter á vontade do embaixador, porque receiava as armas da potente e ambiciosa Republica Romana.

Praza aos céos que nunca as minhas leitoras se vejam collocadas em um circulo de Popilio, principalmente em certos negocios. Si a gente reflectindo, cae ás vezes em cada uma...

MLLE. MIMI.

ALTO MAR, é o titulo que Paulo Araujo deu ao seu segundo livro de versos.

Alto mar é um livro de poemas sentidos, poemas escriptos ora a bordo de um transatlantico, ao rythmo das ondas, ora em viagens atravez de campos e cidades da velha Europa.

E' um livro de fragmentos de alma, de uma alma curtindo longe a saudade commovedora da patria distante.

Chegando ao nosso conhecimento que o "Jornal das Moças" tem sido vendido, em alguns pontos, por preço maior do estipulado, avisamos ao publico que o "Jornal das Moças" custa nesta capital 400 réis e nos Estados 500 réis.

Um festival de caridade no Jardim Zoologico

Ao centro um grupo de senhoritas: Maria das Dores Rios, Judith Landin, Nicota Oliveira e Maria Eugenia Menezes que serviram na barraquinha dos pobres
A esquerda e a direita dois aspectos do bello parque de Villa Izabel (uma das melhores aléas do Jardim Zoologico, e o director do estabelecimento, dr. Drumond Franklin, visitando os seus pensionistas aquaticos

A Arte da Belleza

II

(Continuação)

VARIAS outras receitas encontro no livro de minha tia, mas prefiro não as multiplicar, para não tornar difficil a escolha. Fiz, pois, selecção das mais faceis de preparar e das já por mim experimentadas. Cumpre, porém, observar que não basta empregar estes meios, é tambem necessario evitar as causas nocivas, e entre estas nenhuma talvez o seja tanto como a rapida mudança de temperatura, do frio para o calor ou do calor para o frio, expor o rosto suado a uma corrente de ar, e difficultar ou impedir mesmo a transpiração da pelle com uma camada espessa de pós. Em geral, para estragar a pelle, não ha como a pintura, seja branca ou carmezim, sobre tirar toda a expressão ao rosto, é darnos o aspecto de mumias coloridas.

Um pouco de vermelho vegetal, nas faces duma mulher bella, que por doença ou inquietação de espirito perdeu as rosas naturaes, ainda talvez seja desculpavel, e esta tinta (quando não adulterada pelo chumbo) é tão transparente, que o sangue se chega subir ao rosto, ainda falha, apezar de ligeira camada, e realça o brilho de fanadas côres. Mas deve haver nisto discreção e o mais apurado gosto, e seja a tinta artificial sempre mais debil do que a que daria o pincel da natureza. O vermelho excessivo torna asperas e rudes as feições e dura a physionomia.

Uma observação que minha tia faz, a meu vêr mui acertada, é que em caso nenhum devem servir-se do carmim senhoras que já transpuzeram os marcos da vida dentro dos quaes florecem naturalmente as rosas das faces. Uma velha avermelhada é um espectaculo hediondo, uma nota falsa na harmonia da natureza.

Tambem não deixa de ser condemnavel o emprego excessivo dos pós, e sobre tudo acautele-se toda a dama elegante de apparecer em publico com vestigios delles á volta do nariz ou nas covinhas do rosto, se não quer ter ares de quem metteu a cara num sacco de farinha.

« Bem sei que é esta uma questão que deve ser tratada com grande delicadeza, mas incompleto ficaria meu livro si eu nelle não fizesse menção do que constitue o mais alto titulo de uma mulher amavel. Demais, é fóra de duvida que uma discussão decente sobre este ponto só póde parecer singular aos espiritos mais acanhados de ambos os sexos. Si é verdade como cantou o poeta que

Heaven rests on those two heaving hills of snow,

porque não aprenderá uma mulher a cultivar tão precioso encanto? »

EM NICTHEROY

Manifestação das senhoritas nictheroyenses a d. Annita Peçanha, no dia 14 de Março. Ao centro o dr. Nilo Peçanha, presidente do Estado do Rio de Janeiro, ladeado pela commissão que fez entrega do retrato de sua digna esposa

Em Caxambú

Senhoritas Adalgisa Novaes, Mariasinha Novaes e Julieta Ferreira

Em relação aos seios tenho a fornecer algumas indicações uteis, sobre tão importante topico em materia de formosura.

O primeiro cuidado deve consistir em não estragar o que a natureza formou, mas não para patentear a todos os olhos, como algumas entendem, usando tão decotados os vestidos que nada que advinhar deixam á imaginação.

Ora, para estragar não ha como os colletes rijos e arrochados se nem a mão deveria comprimir parte tão delicada o que não farão corpos tão duros como as barbatanas de baleia e as laminas de aço? A's vezes não é só a belleza que se perde, não são a deslocação e a mudança de fórma os unicos males, são mesmo abcessos e cancros que punem tão desnatural violencia.

Os proprios chumaços não servem senão para acabar de destruir o que a natureza formou talvez com a mão avara e para remediar o que se deve trazer são, pelo contrario, vestidos bem largos que permittam o natural desenvolvimento, mui favoravel de dar-se quando nenhum constrangimento o contraria. Si isto não bastar para fazer desapparecer a deficiencia, eis aqui uma preparação, que com grande proveito se emprega fazendo fricções brandas durante cinco ou dez minutos duas ou tres vezes por dia:

Tintura de murta.............	15 grms.
Agua de pimpinella...........	100 »
» de flor de sabugueiro....	120 »
Almiscar.....................	1 »
Alcool rectificado...........	150 »

Contra a frouxidão e molleza applica-se de manhã e á noite, o mais ligeiramente possivel esta ablução:

Agua de pedra hume.........	15 grms.
Agua forte de macella.........	30 »
Aguardente.................	60 »

Para remediar o defeito opposto serve esta applicação externa:

Essencia de hortelã..........	30 grms.
Iodureto de cinco............	10 centigms.
Vinagre aromatico............	10 »
Essencia de limão............	10 gottas.

Falemos agora dos olhos: a maior belleza dos olhos consiste na sua expressão, sobre que, infelizmente, ou talvez antes felizmente, nada póde a arte, e aconselhando que na pintura de pestanas e sobrancelhas, si se chegar a recorrer a este expediente, se guarde sempre uma côr que mais diga com a tez, para que não vejamos uma morena com supercilios louros, conclue minha tia assim este capitulo:

«As hespanholas costumam expremer nos olhos sumo de laranja para tornal-os brilhantes. E' um pouco dolorosa por um momento a operação, mas não se póde duvidar que ella aclare os olhos dando-lhes temporariamente um brilho notavel. Entretanto, a melhor receita para tornar brilhantes os olhos, é não se deitar tarde. Um somno regular e natural é o melhor conservador dos «faxos encantadores da mulher.»

«Para ter pestanas compridas e densas não ha nada melhor do que aparar-lhes as pontas todas as cinco ou seis semanas.»

A belleza da mão é uma das que mais carecem ser cuidadas. Além de ter até sua linguagem propria, é a mão inquestionavelmente um dos primeiros ornatos do corpo. E' por isso que tantos desvellos lhe dedicam as francezas, dentre as quaes as que querem tirar todo o partido dos seus encantos não são capazes de dormir sem luvas untadas por dentro duma especie de pomada composta da fórma seguinte:

15 grms. de pó de sabonete.

1/2 garrafa de azeite doce e cozinhe-se tudo até ficar inteiramente misturado. Antes de esfriar-se junte-se-lhe meia garrafa de espirito de vinho e 50 centigrammas de almiscar.

(*Continúa*)

PAUCHITA MONTEZ.

Primicias

A minha prima Zoé.

. . . .

Amas-me, e no emtanto, eu não te amo!...

Como é diverso e esquisito o meu pensar!...

E's poeta e eu sou martyr; és forte e eu sou... fragil!...

Amas as flôres, as mulheres, o azul do céo tarjado em prata e a poeira das cascatas, humida em irrisios de arco-iris!...

Aprecias o crystal das aguas, baqueando nos remansos das praias alvadias; descreves nos rythimicos e bem feitos versos da tua excelsa lyra, o poder da Natureza!...

Exaltas os passarinhos com seus trinados, elevas as flôres com seus aromas, exultas as moças e glorificas o Amor!...

E eu, no emtanto, meu poeta, em quanto te inebrias no excelso «far niente» das valsas e cousas langorosas, entrego-me ao mutismo das minhas scismas e aos segredos da minha solidão!...

Aos loucos borborinhos das ruas barulhentas, ouvindo o ruflar das saias de seda das vestaes, eu prefiro o ermo solitario e entristecido das naves de uma igreja.

Ao tagarelar das moças, de faces artificialmente colloridas, cheias de arrufos e pretenção, anceio o sybillante das preces e as faces maceradas e sem pintura das monjas de um mosteiro!...

Ao irradiar das luzes de mil fócos cambiantes, num deslumbramento de estrellas, eu prefiro a luz mortiça das lampadas das capellas, bruxuleantes e sem vida, pois della se eleva para minh'alma soffredora, um tenue fumo, como os thurybulos que incensam as imagens venerandas!...

. . . .

Como é esquisito e diverso o meu pensar!...

. . . .

Tua alma poeta, tem loucas phantasias... segredos... e segredos!...

Minh'alma tem fraquezas, tem mysterios!...

Quão diversos somos nós!...

O coração do poeta, é o sacrario onde se amontoam as suas multiplas estrophes, cheias de amor e de saudades!...

Os sorrisos do poeta, têm algo de feliz, embora sejam, ás vezes, contraproducentes nos seus versos.

As almas, qual a minha, não têm alegrias, nem sorrisos, nem... amores, tem... apenas,... saudades e tristezas.

São almas infelizes!...

MAGNOLIA TRISTE.

Tijuca, 20-2-915.

Manifestação a D. Annita Peçanha

Um grupo de gentis senhoritas nictheroyenses que concorreram para maior brilho de tão justa homenagem

O MYSTERIOSO CASTELLO

II

NUM dia de primavera, luminoso, sereno e fresco, um cavalleiro foi bater á porta de um Castello longinquo. Bateu, bateu, bateu, e, á força de bater, a porta abriu-se e mãos invisiveis conduziram o cavalleiro para o interior do mysterioso Castello, que era negro por dentro, porque não tinha uma luz, porque não tinha uma janella aberta.

Tacteando nas trevas, o cavalleiro procurou o corpo ao qual pertenciam as mãos que o conduziam e achou um delicioso corpo de mulher, que o acariciou, que lhe segredou palavras de amor, que se deixou amar nas trevas.

Horas, dias, mezes, annos, viveu o cavalleiro nos braços macios dessa mulher invisivel e no interior desse Castello longinquo onde tudo se fazia ás escuras.

E, sempre nas trevas, amou e foi amado, sem jámais conhecer o interior dessa vivenda senhorial, desse solar brasonado, onde se encontra afoitamente, onde andava as apalpadelas, sem ver, sem conhecer os seus habitantes, ignorando se existiam, se eram amigos ou inimigos, mas recebendo caricias de uma mulher deliciosa e meiga.

O cavalleiro sou eu; o Castello, o mysterioso Castello é... o coração da minha doce amada.

GARCIA REDONDO.

Senhorita Maria de Lourdes Pinto, provecta professora em Fortaleza, onde é muito estimada

A galante Djanira P. da Cruz filha do illustre general Viriato Cruz

Revelação opportuna

A toi.

«—Só tu és a Escolhida entre escolhidas.
Só tu és para mim a sempre Noiva...»

Amei-te e não sei dizer-te quanto te quero e idolatro ainda.

São paginas tristissimas de um coração que palpita, geme e soluçando muito, recorda os momentos felizes de tempos que jamais voltarão.

Tu, imagem de meus sonhos, oh! alma a quem eu dera toda a minha vida, não lembras com tristeza infinita, os dias venturosos desse amor que em ti não mais existe?!...

Tyranna, bem tyranna fôra para mim a sorte!

Eis-me agora, longe de ti, bem longe, vivendo apenas da evocação constante de uma eterna e perenne saudade.

«E longe, eu me sustento de saudades,
Entre vivas saudades me consumo...»

Guarda estas expansões de minh'alma, como a ternura de um saudoso adeus.

ARUAL.

No esquife de uma creança

Dorme!... Deixal-a dormir.
Na fita semi-aberta
Dos labios descoraditos
Anda-lhe o pae a sorrir...

Cuidado, si ella desperta
Desses mundos infinitos
Onde se vive a sorrir!
Dorme! Deixal-a dormir!

Esconde a medo nas tranças
O sorriso que a embala...
Dormem assim as creanças...
Deixal-a dormir! deixal-a!

Sonha!... Deixal-a sonhar!
A' meia luz entreaberta,
Dos olhos desmaiaditos
Anda-lhe a mãe a brincar...

Cuidado, si ella desperta
Desses mundos infinitos!...
Os sonhos são tão bonitos!
E' tão bonito brincar!

Sonha? Deixal-a sonhar!
A boquinha enlouquecida
Finge falar e não fala!
Coitadinha!... Adormecida!

Deixal-a dormir! deixal-a!

LUIZ OSORIO.

A graciosa Yára Coelho filha do sr. Raul Coelho, funccionario dos Telegraphos

SONHOS

Soffredor! Quando a magua, em teu viver tristonho,
Te afflijir em segredo e o teu drama interior
Se arrastar, repetindo o mesmo acto enfadonho

Quando a existencia atroz Calvario e cruz te for,
Ergue essa alma, ergue-a a um céo, ergue a ás ancias de um Sonho.
E então, serás feliz, dentro da tua dôr.

José Oiticica.

Visões de delicia, percorrem as puras almas em seus roseos scismares.

Sonhos de amor, brandos perfumes de lyrios muito brancos adormecidos ao luar azul, macio, aromatico, vindo da magnolia pendida do vaso de negros diamantes.

Corações suspensos em gazes embebidas no ouro liquido da illusão, distillado no setim branco da mais mimosa pétala da bonina olente da esperança.

Corações qus sentem o rolar de saphiras de cascatas douradas.

Rutlar d'azas de aureas phalenas no espaço de roseas sedas, impregnado de velludosos perfumes cahindo com a chuva d'ouro pulverisado das bellas regiões da ignota Phantasia.

Sonhos que erram pelas saudosas violetas de crepusculos suavissimos, languidos, colhendo flôres para corações felizes.

Sonhos que descem dos myosotes azues, esparsos pelos negros coxins setinosos da noite.

Ditosos sonhos que entreabrem a aurora da illusão e despertam-se ao frio algido da descrença.

Sonhai, sonhai corações embalados na alma do amor.

. . . .

Sonhos desfeitos... lagrimas de maguas que cahem em pranto de dôr nas trevas duma alma descrente.

Aureola de espinhos que se cravam e fazem rebentar das flores de outr'ora, dores que vão espalhando lagrimas!

Sonhos desfeitos, flores murchas ornamentando a cruz immensa que a alma vai pelas alamedas tristes da saudade levando ao calvario da magua indescriptivel, descommunal da descrença.

Caminha pelos crueis estendaes de espinhos inundados de pranto, emmudecem fontes, murcham flores, amarellecem folhas, plumbeas nuvens ensombram o crystal azul do céo.

Cahem cigarras mortas das arvores verdejantes, onde cantavam a bizarra canção do ardente estio.

O enxame de abelhas dispersa-se da loura colmeia.

O zunido dos insectos cessa ao sentir o frio pranto do descrente.

Desfallecem lyrios nos solitarios valles, a corolla não mais abre a amphora aromatisada de suaves licores. Por onde passas alma descrente conduzes a dôr e a magua.

Desilludido caminha, apenas mais um espinho, falta para depositares a cruz que sangra teu coração morto, para a vida outr'ora formoso cofre de perfumosas flores.

Senhorita Genesina Pitanga
bacharel em sciencias e lettras pelo Gymnasio da Bahia,
e alumna do Instituto Nacional de Musica,
onde foi approvada com distincção no 5º anno em dezembro ultimo.

Mais uma lagrima de lá divisas deste cume, negro abysmo horrivel, por onde passaste; ficas aterrorisado!

Mas surge uma visão horrida, duende, phantasma, o que tu não pódes fragil ente humano comprehender, a erguer negro docel, penetras teu olhar já ensombrado, divisas umas aléas de brancos marmores.

Esqualidas visões, ahi será a porta de turqueza que abre-se mostrando-te um eden florido ou de rubis a soprar chammas rubras num diabolico tremeluzir.

Ah! o que tu serás amanhã? Teu cerebro de philosopho sonhador uma caverna de vermes repellentes.

Tantos sonhos, idéas sublimes nelle embalaste...

Teu coração que tantas paixões encerrou, que tantas vezes sentia a alegria e a dôr num duello se debaterem, tantos sentimentos elevados fizeram-no pulsar, fragmentos de um morto sonhar, despojos dum sêr humano disputados entre viscosos reptis.

Sonhos desfeitos, illusões mortas que passaram pelo coração, como suspiros do favonio vindos da branca lua, a rolar na immensidade do firmamento.

Sonhos mortos, perdem-se na nevoa fria do — Esquecimento.

AIDA RAMOS.

10 de Fevereiro de 1915—Tijuca, Rio.

ALMA ERRANTE

UM dia minha alma inquieta e sonhadora, desprendendo-se do fragil envolucro que habitava, partiu em busca do Amôr, do Ideal puro e forte que vivifica as almas tristes e as dessendenta e anima. E, abrindo as suas azas brancas de creança ingenua, desappareceu na curva do horizonte, além, para onde o anceio acena com mil promessas de seducção...

Attrahida pelo ruflar das azas brancas, a Illusão, que paira no espaço azul, quedou-se um pouco e, sorrindo com doçura, perguntou á minha alma: — Onde vaes creança ingenua, que pretendes?

— Que me indiques o caminho do Ideal. E' muito distante d'aqui?

— Vês além aquella larga tira azul que demanda o espaço, rodeada de arabescos d'ouro e tintas de magicos pinceis? E' alli o palacio encantado do Ideal. Vastos jardins de esplendente magnificencia o rodeiam, e pelas aléas tapisadas de velludos oriundo do Oriente, paira um perfume trescalante de milhares de rosas e flores de rara especie. No azul dos lagos que o circumdam, cysnes brancos aos pares, vagam mansamente trocando juras de amor eterno. Lá o Ideal te espera, ancioso. Vai, predestinada creança, accorre pressurosa a tomar parte no festim que para ti prepararam. Vive e sonha!

Então, sacudindo as azas brancas, mais ageis agora pela caricia do que ouvira, a minh'alma tomou rumo do palacio encantado. Das immediações vinham agora preludios de dulcidas harmonias. E, emballada pelo rythmo festivo que enchia o espaço, assim deslisava serenamente no azul, quando o vento entrou de soprar rijo e um vendaval enorme, desencadeando-se de subito, poz umas tintas nebulosas na perspectiva.

A minh'alma, horrorisada, quiz retroceder; sentiu, porém, que os seus movimentos não eram livres. Um vulto negro e disforme, adiantando-se do fundo do quadro, fitava-a agora com olhar sarcastico e fallava: — Não procures fugir, creança ingenua, baldados serão todos os teus esforços! Sabes quem sou eu? Filho primogenito de Satan, rebelde e implacavel como elle, sou o salteador fatal das almas ingenuas. Ai dos que por aqui passarem descuidosos! Apache da vida, a minha missão é apunhalar friamente as almas brancas que por aqui transitam, neste espaço azul, para lhes sorver com delicia a seiva da Vida. Eu sou o Desengano!

E a minh'alma, desprendendo-se a custo para proseguir na jornada que encetára, internou-se em breve num interminavel areal deserto. Depois de percorrer inutilmente o espaço infindo, buscando uma sahida como a avesinha tonta encarcerada numa gaiola, passou a viver então uma vida errante, como um forçado a sua vida de expiação.

Um dia, olhou em torno e, seduzida pela meiguice e pelas promessas do teu olhar, como uma borboleta tonta em torno da luz, quedou-se em pouco na trama dos teus cabellos... E ahi, como um caminheiro cançado no alto dum minarete, poz-se a mirar detidamente a paysagem. Plena primavera. Tudo renascia nessa linda manhã de sonho, ardentemente batida pelo sol que a envolvia num lençol de luz intensa e vivificante. O verde, verde-esperança, era a tonalidade principal do quadro.

Sonho breve, porém, foi esse... Um Outomno triste e desalentado, em breve succedia a essa radiosa esperança. O verde-esmeraldino da perspectiva escureceu, apagou-se, emmurcheceram as folhas do arvoredo, acastanharam-se as côres, sombreou a paysagem...

A minh'alma, ferida por insidioso e certeiro golpe, cahiu pesadamente ao solo. E abrindo então, desalentada, as azas, agora rubras de sangue, reconheceu a presença odiosa do Desengano, que soltando uma gargalhada ferina e sarcastica, dizia: — Ingenua creança, baldadamente me procuraste evitar!

A miragem enganadora que te attrahiu é falsa, é fumo que se esvae, espaço afóra, ao menor sopro da brisa que passa. De real apenas existo eu que te espreito os menores movimentos, que te não abandono, que serei o teu companheiro inseparavel. Caminha!

E arrastando a minh'alma com a garra adunca, com ella internou-se no areal deserto.

Por isso, o fragil envolucro que ora passa, vasio como uma casa abandonada, toma por vezes os aspectos dum cadaver, que perambulasse ao acaso; e nos seus olhos fluctua perenne a nostalgia da alma errante que não mais voltará ao lar... perdida talvez para sempre no deserto para onde o Desengano a levou...

Rio, Fevereiro de 1915.

Arthur Sampaio.

Quartetto infantil

Maria Antonietta, Alda, Antonio e Marilia
filhos do sr. Antonio Manoel Ferreira, negociante nesta praça

MAR

Para Nez-zinha—bella flor do sentimento

IRREQUIETO, ondulante, a palpitar eternamente o mar é o «coração do mundo!»

Beijando as praias de areias alvejantes, no eterno arfar das ondas que se quebram por sobre as penedias no melancolico murmurio de quando em quando contra ás duras penhas, se desfazem em flócos de espumas. Oh! o mar nos canta dentro d'alma... o mar é o «coração do mundo!»

Reflector do céo, nas noites calmas de estio, a lua, merencoria e fria, boia num mixto de suave poesia, no seu flanco daguas prateadas!... E á praia, como um vasto lençol, banhada de luar, as ondas vêm soluçar monotonamente, deixando um rastro de luz, a flôr das aguas, em phosphorescencias que deslumbram o reino de Neptuno!...

Mar! Mar bonançoso! Mar triste! que cercaes o mundo inteiro na altivez cantada por Soares Passos: «O mar! O mar que em sua furia brava ninguem domina com servil grilhão!»

....

....

Subito, lá longe no horizonte a borda do céo, surgem grossos nimbus, que paulatinamente offuscam a luz do sol! Parece que a natureza se concentra! O trovão num rouquejar surdo já se faz ouvir!... Barqueiros!... Oh! intrepidos navegantes! Acautelae-vos, que em breve a tempestade desabará por sobre vós!... O vendaval vos arrastará ao horror da morte!...

Eólo, de suas cadeias horrificas, solta os ventos!... O mar crispado, se agita num crescente de horridos sons; avança e recúa em temerosa voragem, como que na louca nevrose de tudo engolir!... Atira ás praias os frageis bateis que se desfazem em ruinas!... E lá vae rugindo, indomito, barra a fóra, sacudindo e affrontando as náus que se perdem na vastidão de seu leito enfurecido!...

Mar terrivel!... Mar proceloso!...

....

A borrasca passou. O mar, verde mar, calmo e sereno, ao fulgor do sol que pelo céo já livre de nuvens, domina e campeia heroicamente na profusão da luz; o mar deslumbra e convida a navegar!...

As falúas passam, cortando as aguas docemente, de vélas pandas á aragem; e, eu vendo-as, tenho a lembrança exacta da alma humana impellida pelo pensamento, navegando no infinito mar dos ideaes!... Comtudo; aquellas vogam em busca de longinquas plagas, onde tambem ha vida e amor; sujeitas, emtanto, á ironia da sorte, ao naufragio fatal!... E, differentemente estas demandam á realisação de suas aspirações!... pois, não raro, a alma humana naufraga sem a dita de ancorar em amado porto!...

Oh! o mar dos ideaes é bem mais perigoso que o mar de verdes aguas!... E, pois, eu que navego no mar dos ideaes, morreria feliz ás golfadas dagua desse verde mar, que ora fito, da praia, triste e só, embevecida, recordando cousas tristes, cousas já passadas!...

Mar! oh! verde mar!

«Sê meu berço final no ultimo somno!...»

Rio, 3—3—915.

CHRYSANTHEME D'OR.

A' senhorita Jdalina...

Se o quanto sinto te dizer pudesse,
O' pallida creança!
Talvez me desses num olhar, num riso
A almejada esperança;

E, então, febris, fruindo o mesmo amor
Ardente, a palpitar,
Nossos dois corações, alegremente,
Morreriam de amar!...

Avien.

Icarahy — 915.

Desmoronamento

ERA uma tarde de Maio... Os jardins estavam cobertos desses pedacinhos da natureza, que exhalam perfumes que recordam amores; o sino da Cathedral, annunciava aos fieis a hora de implorar perdão á Virgem Santissima, que, com um sorriso divino, estava em seu modesto altar toda cercada de flôres; bandos de borboletas multicores, que esvoaçavam pelos jardins movendo as asas de gaze, eram seguidas por bandos de alegres crianças, que ligeiras seguiam suas companheiras; da janella do meu quarto eu contemplei o seguinte: Um céo muito azul, muito limpo, tendo como unico habitante um agrupamento de nuvens em fórma de castello; claro, como jaspe, alto, como não ha nenhum; tão solido, que eu era capaz de jurar que só depois de muito tempo desappareceria; porém, elle foi se desfazendo tão rapidamente e seus fragmentos espalhando-se para tão longe, que em pouco tempo não restava siquer um estilhaço do marmoreo gigante; o logar em que elle estava ficou tristissimo...

....

Este céo azul, era meu pensamento; o castello, o conjunto de minhas illusões que fugiram para não mais voltarem.

Hoje, em vez do castello branco, ha um castello negro... do desengano.

VIRGINIA STELLA.

Mãe e filha

No berço — um ninho de fada —
A criança dorme ainda,
A mãi ao pé, enlevada,
A sorrir-se, diz-lhe: — O' linda

Cecem mimosa e nevada
Cheia de frescura infinda!
Acorda, filha adorada!
Teu somno hoje não finda?

Eu tenho aqui o meu seio
A transbordar de cheio
Para te dar, meu amor!

Vem, minha rôla innocente,
Pousar nelle subtilmente
Como a abelha sobre a flor!

MANOEL E ALMEIDA.

Mme. Jacintha de Sá Bastos, esposa do dr. Francisco Leite Bastos Junior

O BEIJO

Ao Intelligente Ribar

SYMBOLO da ternura, enviado dos corações amantes, porta sacrosanta do amor, sacrario de doçura.

Beijo! quem nunca te terá gosado? Quem ainda não sentiu a tua doce e inebriante sensação?

O beijo é a esmola do coração que ama aos labios mendigos dos apaixonados.

O beijo é a prova patente do amor.

A ligação dos labios inebria a alma e suavisa a tempestade do ciume.

Beijo! união de duas almas que se amam na communhão muda dum desejo.

Mas ha beijos puros, beijos que brotam do fundo dalma, beijos que o coração destilla, com maior carinho, com o mais puro affecto; são os beijos daquella que nos deu o ser. Estes suavisam a dôr moral, acalmam o desespero da ingratidão e têm o dom de seccar as lagrimas, motivadas por um amor infeliz.

Beijos! beijos! que a alma consolam!

Beijos, tendes o mesmo fim de uma esmola!

Santa Rosa, 19 2 — 1915.

FITAFIPAR.

O MEDICO

Ao academico Juquinha

UMA das mais brilhantes carreiras é a medicina. Ella é o allivio, a esperança do pobre doente que se acha estendido no leito; o consolo da extremosa mãe que teme que a morte lhe arrebate dos braços o filho estremecido; emfim o conforto da familia, quando vê restituido á vida o seu chefe tão querido!

Esta carreira tem triumphos e espinhos. Quando um facultativo vê coroados os seus esforços, salvando a vida a seu cliente de molestia grave, elle é alvo de todas as attenções, tornando-se ainda mais estimado.

Tambem quando a implacavel morte zomba da sciencia levando os entes queridos, deixando os lares enlutados, o medico soffre, pois todos os seus recursos foram infructiferos.

A medicina necessita de immensa abnegação. O facultativo cumpridor dos seus deveres não tem um momento seu. Elle interrompe o somno, as refeições, os divertimentos, para acudir pressuroso a um doente que necessita da sua sciencia.

Encontram-se os medicos nos campos de batalha, sacrificando a sua propria vida e salvando a dos seus semelhantes.

Salve! Medicina!...

MARYINHA.

A criança na floresta

Naquelle outeiro da serra
Onde não dá luz nem venta,
Em uma riba escarpada
Uma criança se assenta.

Em torno della os insectos
Esvoaçam pelo ar!
E ella ébria de aromas
Parece em extase estar.

Subito a fronte levanta,
Seguindo com doce olhar,
Uma gentil borboleta
Que numa flor foi pousar..

Após viu que uma andorinha
Ia voando apressada;
Quer seguil-a e se levanta,
Vae correr, cae desmaiada!

E' que a barbara andorinha
Na furia com que passou
Entre seu bico, esmagada,
A borboleta levou!

JOH EWAL.

SONETOS

TARDE DE VERÃO

(Ao meu bom mestre Hemeterio José dos Santos)

Zumbe, zombando um zumbindor besouro,
Voando em torno de amorosas flores...
E foge, e volta, trescalando odores,
Abrindo as asas salpicadas d'ouro!...

Numa palmeira um sabiá se embala,
Cantando meigo ao descambar do Sol.
Triste se abate tudo no arrebol,
E a roseira o seu perfume exhala!..

Canta cigarra alegre e descuidosa,
Juntando-se na orchestra primorosa,
Que vae subindo pela esphera immensa...

Da boa terra se desprendem hymnos
Misturados com flores — bellos trinos,
E o Sol se esconde pela selva densa...

Amelia Napoli.

VINHOS DE AMOR

A Ponciano Seabra

Para matar a sede que eu sentia,
Bati á porta de tua alma, e a alma,
Advinhando a outra que batia,
Appareceu-me, luminosa e calma.

E querendo saber o que eu queria,
Pedi-lhe de beber, pedi-lhe: acalma
Esta sede de amor! Alma, sacia,
Por piedade, a sêde de minh'alma.

E uma ligeira lagrima, cahindo,
Correu-me a face, e logo, após, ligeiras,
Outras piedosas lagrimas sentindo,

Tú me deste a beber aquelles vinhos,
— Vinhos de Amor que são como as roseiras
Carregadas de rosas e de espinhos!

Vespasiano Ramos.

BIJOU

A sua candidez leda e mimosa,
Ligada á linda flor da formosura,
Inspira uns doces sonhos côr de rosa,
Convida ás illusões da mór ventura.

Inspiração divina a musa gosa
No seu brilhante olhar da luz mais pura.
Honra do lyrio casto e da formosa
Alvorada do céo, sonho da alvura!

Tem o seu porte tal delicadesa
Encerra encanto tal, que, si ella passa,
Lembra um mimo, um primor de arte e bellesa.

Lembra uma dama da mais nobre raça,
E deixa em sua pégada alma presa,
Sorrindo a esmero tanto e a tanta graça.

Ricardo Barbosa.

SONETO

Se vos amo sem ser, por vós amado,
Não tendes culpa dessa indifferença,
Cabe-me a culpa por não ter domado
Esta minha paixão sincera e immensa.

Vós sabeis muito bem que, de bom grado,
Acceitei vosso *não* como sentença;
Deveis saber, tambem, que o condemnado
Por brio, vossa compaixão dispensa.

Vosso amor, como esmola, não acceito
Pagai-me com o desprezo o amor tão santo,
E, ainda assim mesmo, vos serei sujeito.

Causa-vos riso o meu amor... no emtanto,
De meu mal podeis rir: — tendes direito,
Pois vossa bocca, a rir, tem mais encanto!...

Renato Lacerda.

SOL DE VERÃO

Ao Ponciano Seabra

Lindo sól de verão... ouro flavo do Estro,
Ouro em pó a cahir do Alto, em beijos de Ouro,
Transformando a agua azul, quasi clara do rio
Num caminho sem fim, morno, espelhante e louro.

Cigarras a zumbir, passam cantando em côro,
A alegria do Sól... Um doce murmurio
Há nos jardins em flor, tal como o brando chôro
De um labio sensual em grande desvario!...

Lyrios de Luz as mãos levantam para o ár.
Reverbéros de Sól enroscou-lhe pela haste,
Num baptismo triumphal de cantigas de Luar.

Por toda a parte ha luz a vagar perdida,
Ha muito sól... e, o sol de meus olhos constantes,
Doira a Terra, semeando o principio da vida.

Medeiros Sobrinho.

CHROMO

Canta, deixa-me ouvir a tua voz maviosa,
Deixa-me escutar os teus maguados Cantos,
— Quero embeber-me na tua voz chorosa
Sentir tambem as dores de teus prantos.

Canta, quero escutar a tua voz garbosa
Echoar desde a cidade até aos recantos,
Acordando dos leitos cor de rosa
As creancinhas que dormem em sonhos santos.

Sorri, pois com o sorriso teu, de Fada,
Cada vez mais minh'alma apaixonada
— Alegra-se e duplica de esperanças

Dum dia, debaixo da protecção de Deus,
Unir, para sempre, meu peito aos seios teus,
E dormir, sonhar, beijando as tuas tranças!...

Rodovaldo Reis.

Senhorita Octavia Herminia Peixoto
(mais conhecida por Vivi Peixoto) fallecida aos 16 annos de idade
As primorosas virtudes dessa distincta senhorita, sua meiguice e seu apreciado talento tornaram-n'a estimada por todos que a conheceram

UM LIVRO SENSACIONAL

Dentro de algumas semanas estará nas livrarias desta capital, numa luxuosa edição da casa França Amado, de Coimbra, mais um livro de Carlos Maul, o consagrado autor do *Canto Primaveril*, do *Estro*, do *Ankises*, da *Concepção da Alegria*, da *Morte da emoção*, e tantas outras obras que constituem um encanto para os que amam a arte elevada e pura.

A nova obra de Maul intitula-se: *A tentação de Deus*, e contem o volume, além desse poema inicial os seguintes poemas: *Petropolis*, (4 episodios); *D. João*, (3 episodios); *A morte e o diabo; A montanha que amou o ceu; o ultimo semi-deus; A sombra do ceu; A historia da mulher que enlouqueceu pelo azul.*

A tentação de Deus é um poema pantheista, sem lances rebarbativos, que póde ser lido pelas mais innocentes creaturas.

Delle já publicamos alguns excerptos nas nossas paginas.

A julgar pelo successo das suas obras anteriores, Carlos Maul, que actualmente se acha veraneando em Therezopolis, alcançará com seu novo trabalho um ruidoso triumpho.

As maiores virtudes da mulher são negativas: saber calar, saber soffrer, saber perdoar, não saber tocar piano.

A piedade temperada pela graça feminina é a mais bella das prerogativas da mulher.

Correspondencia do "Jornal das Moças"

S. U. S.—A sua «Rosa Simples» está simples de mais.

NESTOR BASTOS—O sr. tem geito e inspiração, mas deve estudar um pouco mais os bons mestres para atirar os seus versos a publicidade.

FRANCA SERRANA—Serve o seu trabalho «Cruz Vermelha».

A. F. M.—O soneto «A' alguem,» si bem que os versos estejam certos, está pobre de inspiração e pouca originalidade e nós temos na pasta mais de cem sonetos para publicar. Parece epidemia de... sonetos.

MARICOTA—Póde acceitar e não ha nisso compromisso algum.

MYOSOTIS—Recebemos os seus postaes. Não é possivel publicar de uma vez todos os trabalhos de V. Exa.; temos de attender tambem a outros collaboradores.

Z. E. EDDY—O seu soneto «Saudade atroz» não está máo, quanto a metrificação, mas o assumpto denota pouca inspiração.

ROSELYS DE GONCOURT—Os versos do acrostico ao *seu* Egas estão quebrados...

A. J. TEIXEIRA—Recebemos sua amavel cartinha. O trabalho que a se refere (Carta de Amor), pensamos ter deixado de ser publicado por não estar bem de accordo com o programma dessa secção. A prova de que a sua graciosa collaboração é acceitavel é que já publicamos trabalho seu e estamos as suas ordens.

SITXMYZ (Barra do Pirahy)—Recebemos os postaes que serão publicados. Está mesmo apaixonada e descrente?

ANTONIO FRANCO—O seu trabalho «Desillusão», só mais tarde e com alguns pequenos retoques, se tivermos tempo desponivel.

J. do PRADO. — Ainda não pudemos ler o seu conto. Tal o espanto que nos dominou ao deparar que o sr. teve a formidavel e *jobica* paciencia de escrevel-o a lapis para depois cobril-o a tinta.

A. F. Martins. — (Catumby). O seu *A alguem* fica a espera de opportunidade.

A MAX DO COUTO. — O seu *Descrente* fez-nos descrer das suas qualidades poeticas.

Onde foi o sr. aprender que *risonhas* rime com *purpurinas?*...

M. RIBAS. — O *Velho Bernardo* é longo e está fóra de moda...

Escreva cousas menores, e pelo amor de Deus, não cite mais o *phantasioso* Zevaco!

A. B. — Nas iniciaes está a referencia, conforme pediu.

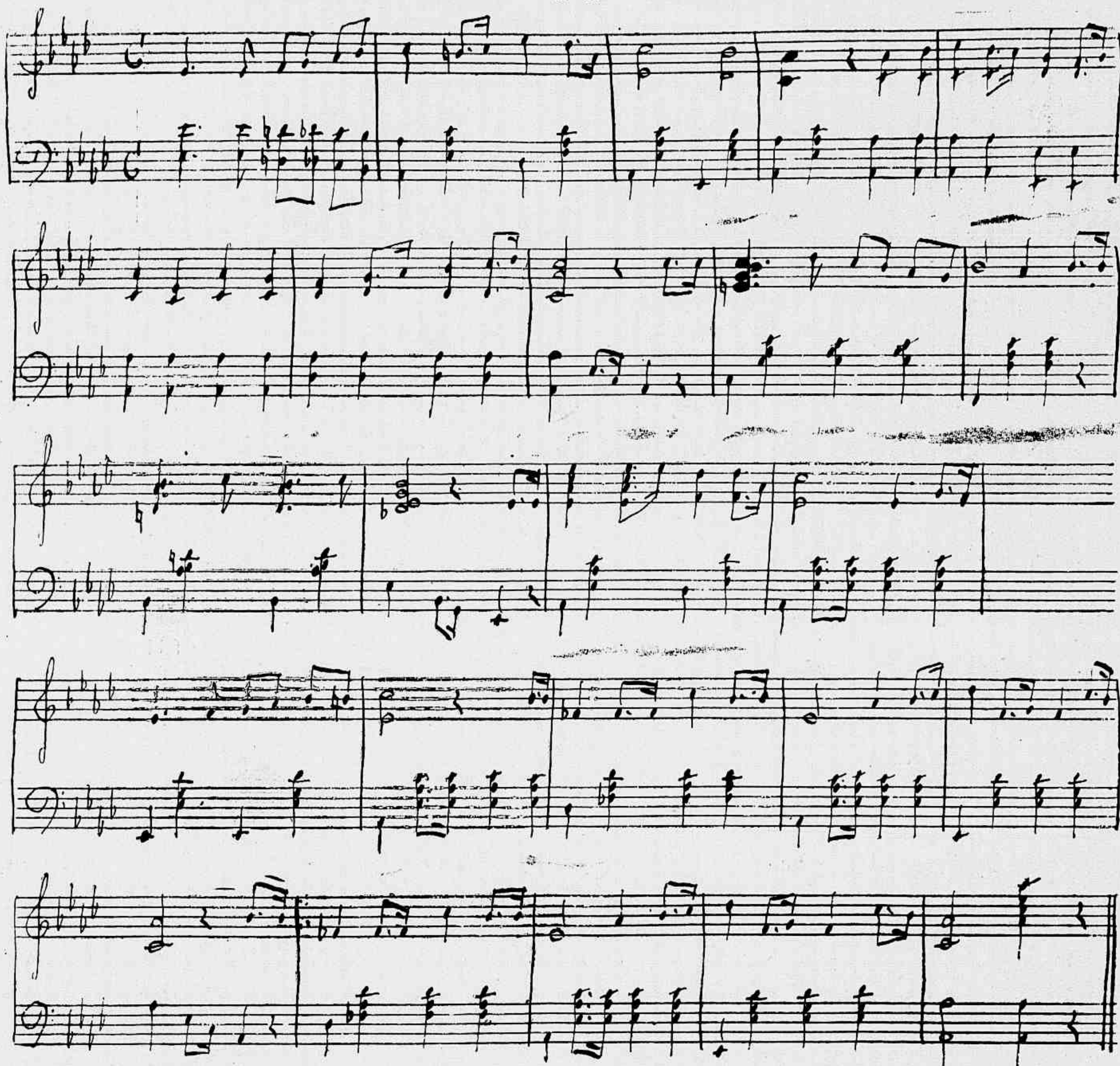
LOHENGRIN. — As suas *Saudades de Sarnia*, mais parecem um *canto de cysne*...

FORGET ME NOT— Os seus versos não estão bons.

HYMNO CIVICO

A' Exma. Snra. D. Annita Peçanha

Cantado por um grupo de moças fluminenses na manifestação do dia 14 de Março de 1915

Letra de Jonathas Botelho — Musica de José Botelho

Ante o forte accordar d'este povo,
Que o civismo levanta e conduz,
Nosso Estado divisa já um novo
Horizonte banhado de luz.

Estribilho:

Fortes homens na paz e na guerra,
Escudados no ardor feminil,
Erguerão nossa explendida terra,
Honrarão nosso amado Brazil.

Terçam armas na luta incruenta
Fortes moços, robustos varões
E ás matronas e ás moças augmenta
A ternura nos seus corações.

Estribilho:

Fortes homens, etc.

A mulher fluminense, que outr'ora
Teve um nome na terra campista,
Vem saudar a distincta senhora,
Que o valor feminil reconquista.

SUPPLICA...

No superfino espiritualismo em que me apparecias, esbelta, subtil, levavas-me pela vida e na vida eu seguia, numa ausencia voluptuosa, fascinado pelo exquisito de teu ser.

E na incendida sensualidade de teus labios, eu demandava, anciando, os horizontes de romanescas aventuras... E na melancolia de teus olhos, eu me debruçava, exhausto da grande jornada pelas regiões longinquas...

E na oval de teu rosto, eu abraçava um grande sonho vão, em modorrenta nostalgia,

E na negligencia negra de teus cabellos eu me desorientava na sombra, atraz de visões penosas, bellas e fugidias.

E no rythmo do teu andar — essencia a se espiralar para cima — eu sentia uma geração attica que se evolava—com graça de anjo—para a fascinação louca da esperança...

E tu me eras na vida um grande abraço de crepusculo, uma existencia de apotheose que eu via... via sómente—estranha aos meus sentidos inferiores.

Mas um dia despertou em ti a revoltada, a bohemia, a carnavalesca, a menina—tango.

E tu me foste então, na vida, a razão má da vida...

E tu me foste a mancenilha... uma grande sombra de pesadello, tetrica... desorganisadora.

E na incendida sensualidade de teus labios, eu me consumia em loucos desejos, ardentes... E na melancolia de teus olhos eu me debruçava, tonto do cansaço lethal das noitadas... E na oval de teu rosto eu abraçava, em monotono meneio a vastidão do insaciado. E na negligencia de teus cabellos, eu me embrenhava, na volupia má de um sonhar felino. E no rythmo de teu andar, eu me sentia cambaleando, arrastado para a delicia de gosos aviltantes.

Estás perdoada, comtudo... e eu te amo sempre!

Tu tens a belleza que tudo legitima, que tudo decreta—a Belleza Omnipotente—E' em nome della, que uma cousa eu te peço... Eu te peço, na loucura de teus desatinos, o que eu te pediria na severidade de tuas virtudes: e é que poupes o que mais precioso tens na tua belleza pessoal inconfundivel... meio aria, meio cançoneta... á tua belleza desorientada.

Não a deixes fanar na vulgaridade mundana, porque a minha vida será sempre tua.desvairadamente tua!

ADELINO MAGALHÃES.

A galante Jacyra, filha do sr. Americo Silva

Parodiando

Havia uma ave canora,
Que com sua voz sonora
Cantava no meu telhado;
Alli mesmo fez um ninho,
O formoso passarinho
Que me causava cuidado.

Mas, um dia, a triste sorte,
Mandou-lhe a gélida morte
Nas azas do furacão;
Morreu o pobre coitado,
Sobre as ruinas do telhado
Que foi atirado ao chão!

. . . .

Assim tambem do meu peito,
Eu vi um sonho desfeito
Pela negra — ingratidão!

C. BRANCA.

Minas.

Reminiscencias nostalgicas

A' joven Sylvia (viuvinha).

Quando o crepusculo vespertino matiza a abobada celeste, com um colorido rouxamente saudoso e o campanario da matriz, celebra com tristeza solemnemente religiosa o funeral do dia, eu medito silenciosamente. Lembro-me então de ti e num carpir monotonamente tétrico, experimento golpeantemente, reminiscencias tristes e nostalgicas, de um preterito de alacridade inolvidavel.

A. F. DE MATTOS.

O Amor, é como a phosphorescente luz dos corpos em repouso... sem fórma, sem duração, sem consistencia!...

Enganadoramente, é o Amor, o Mal, a perdição da Alma, do juizo, do Bem!...

E no emtanto, meu Coração, amei!...

Bem triste o foi!... e feliz é, quem nunca amou, jámais!...

Magnolia Triste.

A' senhorita Clara Xulmann.

Que olhar... que lindo olhar faiscando ouro...
O' linda estrella dalva... eu te bemdigo...
O teu divino olhar é um thesouro
Que anda a prender meu coração mendigo...

A. Bastos,

Senhorita Adalgisa Formiga
competente guarda-livros da loja central,
em Belem do Pará,
da Singer Sewing Machine Compagny

Os gatos seus amigos e inimigos

ENTRE as celebres damas que tiveram grande amizade a estes felinos, está a duqueza de Mirapoix, possuidora do angora Cesar.

A mulher de Constantino, imperador de Constantinopla, tributava tanta amizade a um destes domesticos carniceiros, que o fazia saborear á propria mesa imperial os melhores manjares em pratos de ouro.

Madame Récamier tinha uma verdadeira idolatria pela gatinha Dorothéa. A duqueza de Lesdiguères, fez mesmo erigir um mausoléo á memoria da gata «Menia»: um bello sarcophago de marmore, encimado por uma gata de côr preta, pousada sobre um coxim de Carrara.

Luiza de Bourbon compoz o epitaphio para o seu gato Marlamain.

A terna Deshoulières, denominada a Decima Musa, escreveu uma tragedia titulada: «La Mort de Cochon».

O finado era um magestoso cão do marechal de Vironne, vice-rei da Sicilia e os demais personagens eram gatos.

Madame de Sablière — mulher de espirito, fizera jus á amizade de La Fontaine, para curar-se da vehemente paixão que consagrava aos cães, começou por affeiçoar-se aos gatos, mesmo por que nos merçados estes animaes não eram adquiridos por preços tão fabulosos.

Madame Helvetins tinha, pelos gatos uma inclinação exagerada.

A baroneza de Oberkich, narra o modo pelo qual recebera M. Adlau, que a visitára pela primeira vez, rodeada dos seus angoras na sua pittoresca vivenda de Auteuil.

Entre as notabilidades masculinas affeiçoadas aos gatos, não deve ser esquecido o nome de Mahomet, que dir se-ia considerar mais os seus angoras do que as suas odaliscas.

E' talvez devido a este facto que as mulheres turcas não acatam de modo digno a sua lei...

Os gatos tambem tem tido os mais extremados amigos entre os grandes vultos politicos.

Richelieu tinha sob a sua tutela os seguintes: «Felimare», de pello velludoso e alaranjado; «Gazette», calma e discreta; «Lucifer», negro como um corvo; «Lodoiska», de raça polaca; «Pyrame» e «Thisbê», tão doceis quanto unidos; «Soumise», terna e carinhosa; «Serpolet», agil como um esquillo; «Racan» e «Parruque» assim chamados por terem tido por berço uma peruca do celebre poeta Racan.

No seu testamento o cardeal contemplara com uma pensão os gatos.

O seu interesse não se cifrava sómente aos seus, mas tambem aos bichanos alheios.

Colbert amava por sua vez aos gatinhos, deleitando-se ao vel-os saltitar pelo seu luxuoso gabinete de trabalho.

E' de modo notavel entre os poetas e litteratos, tantos dos velhos, como dos novos tempos, que existe o maior numero de amigos dos gatos.

Houve um poeta latino que chegou mesmo a ornar a sua gata tigrina com um custoso collar de perolas.

Torquato Tasso dedicou um soneto magistral a seu gato, pedindo o fulgor dos seus olhos, visto não poder comprar velas para os seus serões litterarios.

Bellay, dedicou bellas rimas ao seu gato «Belaud».

Chateaubriand era um fanatico pelos gatos.

O poeta escrevera a um seu amigo, o conde de Marcellus:

O nosso amigo major Mendes Anta e suas gentis filhas

«Buffon maltratara o gato, mas eu trabalho com afan pela sua rehabilitação.»

O colorista de «Atala» herdara de Leão XII o gato «Mialló—um felino arruivado, bello specimen da sua raça.

Victor Hugo tinha grande amizade ao gato «Chanoine» ao qual era franqueado o salão nobre do poeta.

Quantas vezes reclinado de modo magestoso sobre os divans de raros estôfos fôra alvo das caricias dos admiradores do mestre.

Merimée achava o gato um animal palpitante de vida, de espirito e passava horas de delicia acariciando esses felinos.

Guy de Maupassant dizia sentir viva alegria se um gato serpenteava pelas suas vestes.

Baudelaire queria tanto aos gatos que lhes dedicou um soneto cerebre. Nas suas «Fleures du Mal» se encontram muitos versos dedicados a esses felinos.

Taine dedicou maviosos sonetos, lidos aos intimos e publicados depois de sua morte, aos gatinhos.

Saint Bouve, segundo affirma Duquennel, dava carta branca a «Polemon», um magnifico gato mosqueado, para piruetar pelo seu escriptorio arqueando o flexivel dorso avelludado agitando a cauda nervosa e deixando passear os seus grandes olhos redondos de um verde jaide pelas altas pilhas dos livros da sua bibliotheca.

Theophilo Gautier, foi um fanatico pelos gatos; «Polemon» mal o avistava contorsia-se de modo febril, á guisa de uma cobra, como se por ventura tivesse sido hypnotisado.

Theodoro Barriére, foi por sua vez muito inclinado aos gatos. Da casa que possuia em Ternes, era o enlevo o gato «Fanfan», criado com o pombo «Corbin» ao qual professava fraternal amizade.

Henrique Murger, um dos intimos do famoso actor dramatico vinha a miudo a sua vivenda contemplando com admiração sceptica aquella singular união.

Dia virá em que o gato ha de comer o pombo, dizia muito convicto ao grande critico.

Certa manhã «Corbin» dominado pelo amor, fôra noivar em um pombal muito afastado da vivenda de Barriére, tendo volvido ao declinar da tarde com a aza quebrada por uma bala de fuzil e o flanco todo tincto de sangue. «Fanfan» recebeu muito alegre o seu companheiro, levando-o para a cesta onde dormia. Logo ao lamber-lhe a ferida sentiu-se embriagado pelo gosto do sangue, e o idilio veio a transformar-se numa diabolica tragedia. Durante a noite houve um ruido de luta, uma vibração de azas, gritos lastimosos e crueis,

Grupo de gentis ciganas durante os folguedos carnavalescos

Senhoritas Ruth e Maria Ribeiro, Eurydice, Nair e Almerinda de Oliveira, Angelina e Marina Pires, Odette, Marietta e Judith Torres, phantasiadas de ciganas e os jovens Huascar de Figueiredo, Christiano Torres e Leopoldo Lima

mesclados de rugidos ferozes, por entre estalidos de ossos.

Quando o sol vinha começando a penetrar pela cortina azul do horizonte, fôra encontrado sobre o seu berço, em uma nuvem de pennas, entre membros e nacos de carne viva, o desalmado «Fanfan» que houvera devorado o seu amigo: adormecera gato e despertara tigre!

* * *

Beranger adorava os gatos e os decantava com muita verve em suas lyricas estrophes.

Petrarcha, depois da morte da sua formosa Laura, só achava algum balsamo para o seu coração no degredo de Aqua na companhia do seu angora, cujo esqueleto é religiosamente conservado no muzeu de Padua.

Guyot-Desherbiers dedicou os seus mais mimosos versos ao companheiro do poeta.

No Pantheon, no vasto cathalogo dos amigos dos gatos, deve ser citado o nome de Moncrif—o festejado autor da «Histoire des Chats», nomeado pouco depois da publicação da obra, membro da Academia Franceza.

Gautier, escrevera: «Os pachás amam os tigres e eu os gatos—os tigres dos pobres diabos.

Geralmente os que se affeiçoam aos gatos desprezam os cães.

Essa regra tem todavia honrosas excepções.

Champfleury repartia a sua amizade pelos felinos e caninos.

Dumas pae, gostava por seu turno das duas raças.

Si a historia é prodiga nos amigos dos gatos, não o é menos no que se relaciona aos seus inimigos.

Ronsard não admittia que um homem de espirito deixasse de votar um odio profundo a esses felinos.

Ambroise Paré, celebre cirurgião, os accusa de um modo falso.

« O gato é um elemento de infecção : — quem come os seus miolos soffre horriveis dôres de cabeça, acabando muitas vezes louco». Para escrever essas linhas o medico teria naturalmente comido miolos de gato.

Henrique II era acommettido de syncopes quando enfrentava com esses bichanos.

Pousenel, odeia os gatos por devorarem os passaros.

Voltaire assignala de modo ironico que não podem fazer jus a um cantinho no céo, mesmo havendo por lá abutres, touros, leões... e cães.

Tudo isso não impede que sejam uns graciosos animaes.

HENRIQUETA,

Echos do Carnaval

Senhorita Odette Teixeira
filha do sr. Antonio Joaquim Teixeira negociante desta praça phantasiada de *Zingara*

Ultimos echos do Carnaval

De pé — da esquerda para a direita : Florinda Ennes Ferreira, Aurea Brito, Maria Antonieta Machado, Alzira Ennes Ferreira, Dinorah Moraes, Cacilda Brito, Elisa Garcia, Guiomar Miranda, Olga Ferreira Sentados — Da esquerda para a direita : Aroldo Brito, Renato Castro, Benjamin Guimarães, Ruben Madeira, Bonifacio Borba

BILHETES POSTAES

A minha mãe.

Nas horas tristissimas em que o desanimo se apodera de minh'alma, só tenho um lenitivo: enviar num prolongado suspiro, a saudade que dilacera meu coração infeliz.

Adelia Rodrigues.

Ipanema.

A saudade.

A' amiguinha Costa Pinto.

A saudade é a lembrança de uma felicidade extincta.

Mercedes Pereira.

A' minha esposa

O meu coração é um batel que, levado pelo vento bonançoso da sinceridade, navega com destino a um porto,—o teu coração,—tendo por velame alvo e enfunado—as nossas almas — e por dextro e carinhoso timoneiro — a nossa amisade; a lampada que se ostenta na verga, são os teus olhos, a flammula que se agita ao leve soprar da brisa, é o symbolo da felicidade e o rio sagrado onde mansamente deslisa essa meiga barquinha é a — nossa vida.

Olavo de Araujo Goes.

Icarahy.

A' minha afilhada Olga

Feliz a creança que pode folgar descuidada fruindo as venturas e caricias por seus amados paes prodigalisadas; feliz sim, porque sempre alegre desconhece por completo as miserias humanas. A infancia não faz pensar, mas, a infancia, como a rosa tem curta a duração; na sua passagem pela vida, resta-nos sómente um sentimento—a saudade!

Olavo de Araujo Goes.

Villa Izabel, 1915.

A' minha querida Isaura N.

A ingratidão é, não raramente, a retribuição de um amor verdadeiro.

A Esperança é a unica estrella que ainda brilha nas noites tenebrosas da minha vida.

Ciumenta.

Botafogo, Março de 1915.

A' senhorita M. de S. A.

Maria! Doce nome que resoa em nossa alma como sonoras vibrações de campainhas encantadas; nome claro e acalentador como um raio de sol, alegre como o chilrear de passaros em manhãs de primavera.

Nome magico, a cuja influencia se transforma em fagueira alvorada a noite escura da tristeza e solidão.

Nome excelso, eu te saúdo e em ti uma das tuas mais gentis possuidoras, a quem rendo o mais sincero preito de profunda admiração!

* * *

Março de 1915.

A quem eu sei.

Assim como ao cahir da noite, brilham as estrellas no firmamento para illuminar o mundo, assim o teu olhar illumina o caminho da minha felicidade.

Alzira Leal.

Paracamby, 2—3—915.

A' O***

A duvida é a serpente venenosa que morde e estrangula as nossas esperanças.

Alberto Torres.—E. do Rio.

Zég.

A existencia humana é um immenso oceano, onde os nossos corações — frageis bateis açoutados continuamente pelo sudoeste da Esperança e pelo noroeste da Desillusão, só encontram «porto seguro» no sorvedouro da morte!

O ciume é uma planta damninha que medra nos corações maldosos.

Luiz Cavalcanti.

Viver longe de quem se ama é tragar gotta a gotta, eternamente, o inesgotavel fel da saudade—cauterio das almas soffredoras.

Raul Chaves.

Rio, 4 de Março de 1915.

Ao Nonô.

Quizera que a nossa amizade durasse eternamente, pois com ella a minha existencia é tão linda, como as phrases que Romeu dirigia á sua adorada Julieta.

Aneladgam.

Um thesouro...

A' senhorita C. P. Bentes.

Quiz encontrar o legendario thesouro do rei de Thule. Procurei-o debalde no mar, nos montes, nos jardins, nas selvas, nos rios, nos campos, por toda a parte, emfim.

Procurei-o depois no ouro do sol, na prata do luar, no ether luminoso das estrellas, mas... tudo em vão.

Um dia vi-te com admiração. E no momento em que lançaste sobre mim tambem um olhar bondoso e meigo, eu divisei deslumbrado sob as pupillas pestanejantes dos teus olhos o mysterioso thesouro do rei de Thule...

Oswaldo.

Ao A. N.

Não me pode passar pela idéa o partir para tão longe e deixar a pessoa que tanto amo! Que immensas saudades! *Parte com todas as esperanças no meu amor*, são as tuas palavras. Serão estas palavras dictadas pelo verdadeiro sentir do teu coração? E' esta incerteza que me tortura. Adeus.

Ermelinda.

Mindóca.

Assim como a terra gravita em volta do sol, assim tambem a minha esperança vôa em roda do teu amor.

Jueá.

Ao J. Gomes.

O meu coração é um vaso abandonado, onde está plantada a viçosa flor da saudade.

Arev.

Nem sempre o sorriso symbolisa felicidade e alegria; e se ás vezes sorrimos é para dissimular a dôr que nos envolve o coração.

Dôres e soffrimentos ha em abundancia, mas a dôr que mais rasga um coração é a dôr da saudade.

Mignonne.

Rio, 27—2—915.

A' Senhorita Mocinha.

A fé, nos conduz aos paramos da Felicidade... E' ella que por entre as nevoas do inverno scintilla, apontando o caminho ao pegureiro.

Francisco B. Coelho.

Piedade, 10—3—915.

Já que o mundo para mim é um exilio, já que a vida para mim é um martyrio, já que as minhas esperanças estão semi-mortas, não temo aquella que para todos é sombria e para mim risonha — a morte.

E' bem triste viver-se neste immenso pelago de soffrimentos, tendo por unica companheira, a desventura!

Nasci cega da ventura, e, quem sabe, extinguir-me-ei sem divisar a minha senda illuminada pelo sol da felicidade.

Exilada.

Serranos — Minas.

MODAS E MODOS

Os magazines de modas chegados do velho mundo, apezar da tremenda guerra que se alastra loucamente, trazem os modelos e as novidades para a proxima primavera e verão (na Europa) parecendo que essa calamidade mundial não tem exercido uma influencia muito accentuada, diminuindo a actividade dos costureiros e modistas, principalmente de Paris.

Da observação desses magazines nota-se que a MODA vai simplificando os modelos e figurinos, satisfazendo uma antiga aspiração, sem prejudicar o bom gosto e distincção em todos os detalhes.

O «costume-jaqueta» será substituido por modelos semi-longos, infinitamente chics. As saias «plissadas», farão successo e bem assim as saias duplas.

Nota-se uma grande predilecção pelos tecidos de algodão e pelos tecidos genero repes os quaes, quer lisos, quer de fantasia, de cores variadas, são destinados a confecção das mais chics toilettes. Os tecidos leves de algodão imitando «popeline» de salpicos e os mercerisados, occuparão o primeiro logar.

Vestido para baile

Vestido para passeio

A moda apresenta-nos tambem, como novidade, saias rendadas, de crépe e baptiste bordados, de forma tunica ou volantes, com os quaes se harmonisa deliciosamente a *corsage* longa de taffetá flexivel.

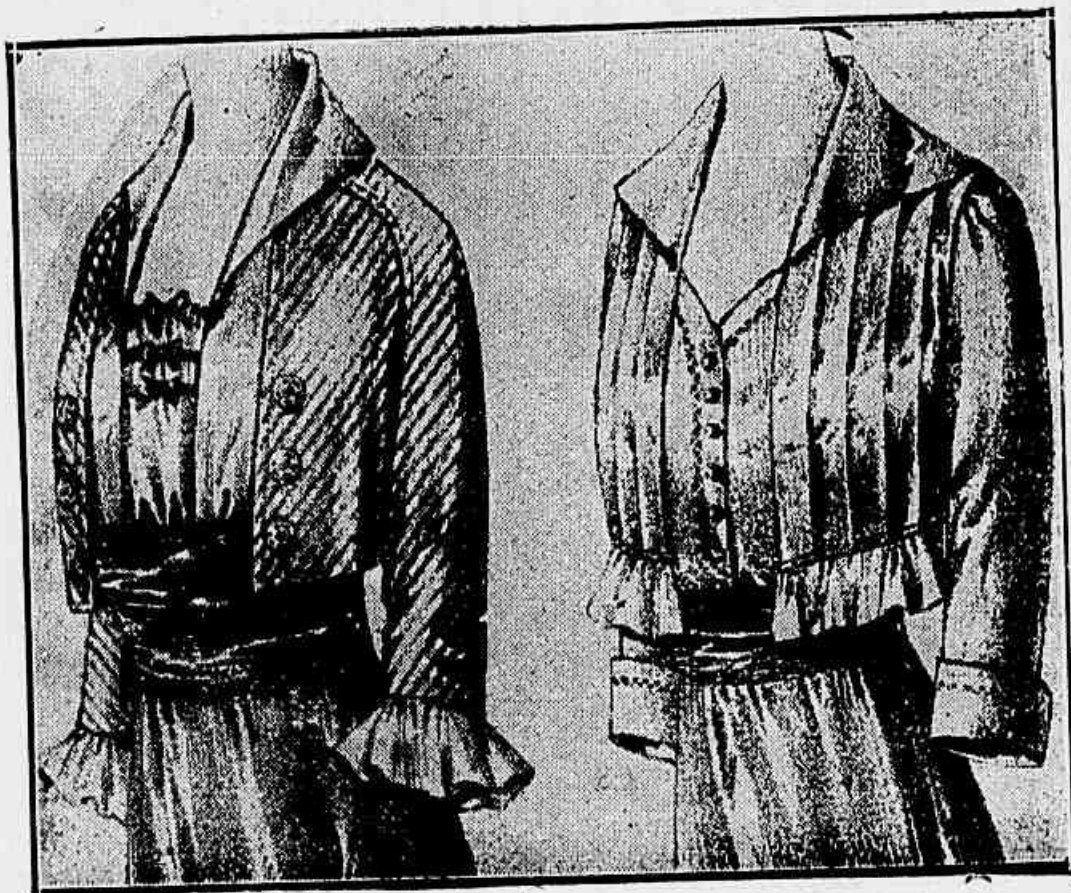
As cores em voga são rosa, fraise, beige, verde redá, amarello-alaranjado e cor de limão.

As mangas devem ser apertadas e geralmente compridas. Vão reapparecer as gollas altas.

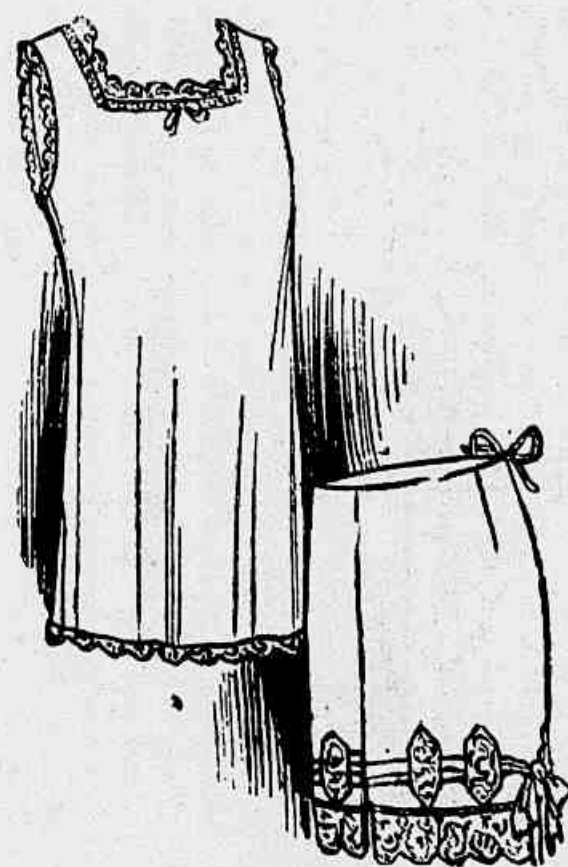
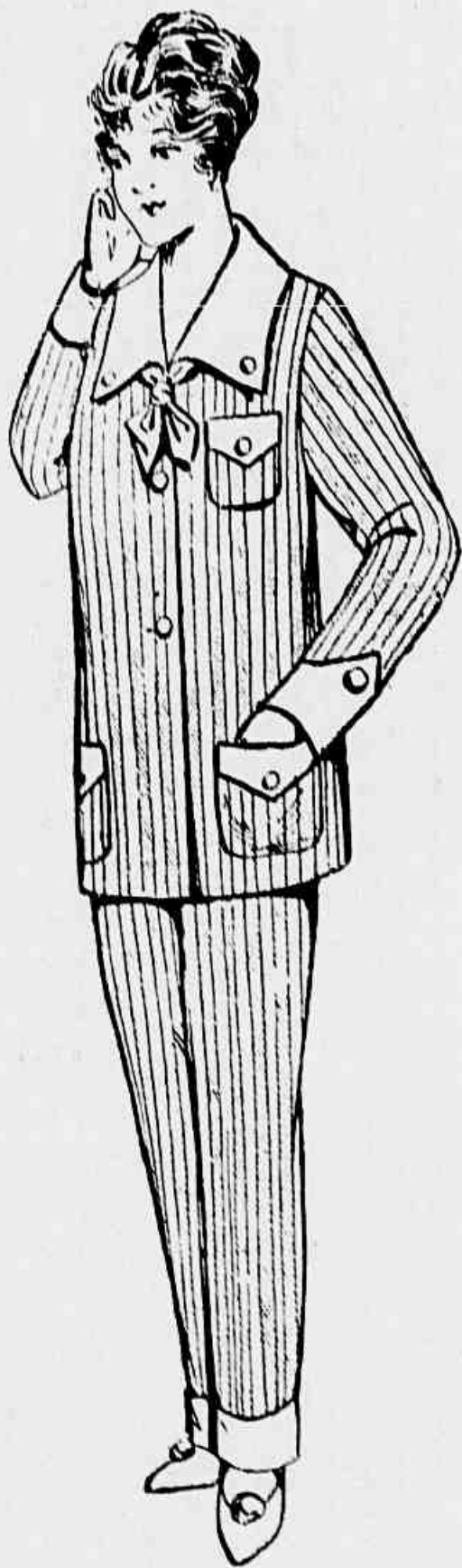
Ultimos modelos de toilettes para passeio

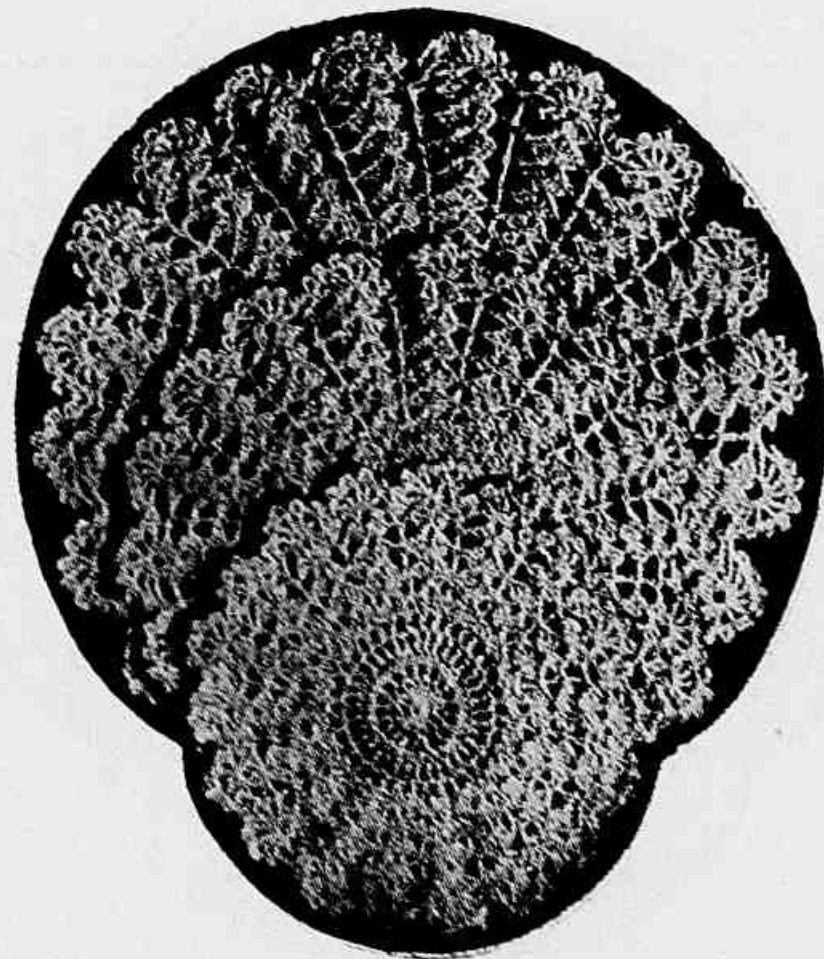
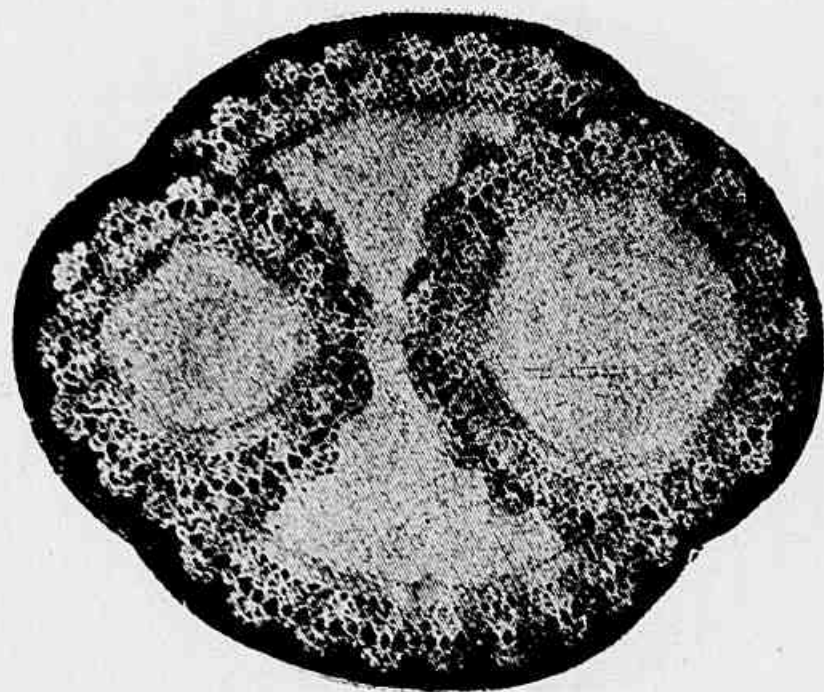
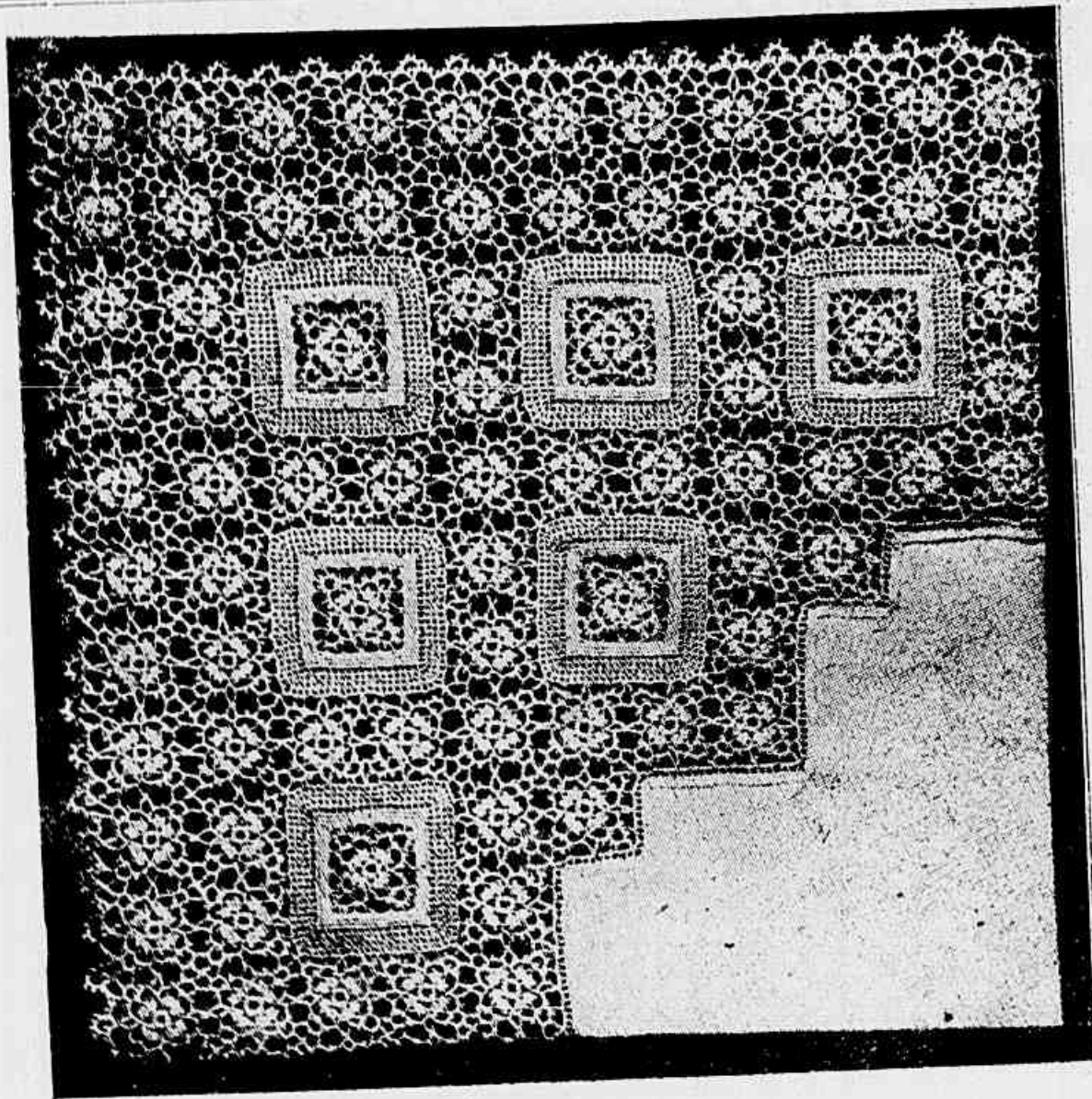
Para as «toilettes» de cerimonia devem ser empregados : setim, velludo de seda, brocado, tulle de malhas, rendas finas.

E' em resumo, o que podemos informar ás gentis leitoras, de accordo com os ultimos figurinos de Paris e Londres.

ULTIMOS MODELOS DE SAIAS E BLUSAS

Ultimos modelos de toilettes para meninas

Ultimos modelos de toilettes para mocinhas

Penteados da moda

Camisa e calça para menina

Pyjama para senhorita

Camisa para noite

CROCHET — Canto para toalha de meza

Decepção

O sr. João era um bom negociante dos suburbios. Tinha uma filha, chamada Alayde de 12 annos que, além de demasiadamente vaidosa, era curiosa.

Um dia deixou-se levar pelas suas curiosidades e foi ter á escrivaninha de seu pae. Tanto mexeu e remexeu que não tardou a encontrar um retrato de um moço de belleza incomparavel.

Ao vel-o disse comsigo mesma. E' lindo! Naturalmente, mamãe guardou o retrato deste moço para casar-se commigo quando eu tiver idade...

Foi esta a primeira impressão da menina, pois, desde o dia deste achado tão precioso, tornou-se triste e indifferente a tudo. Abandonou os livros, as bonecas e até as amiguinhas. Ninguem a via mais. Sómente pela manhã, apparecia a seus paes; quanto ao mais, só levava o dia inteiro, a beijar e a abraçar o retrato querido, julgando que este seria em breve seu esposo.

Varias vezes sentiu desejos de ir falar á sua mãe a este respeito, mas nunca se offerecia occasião, por isso esperava anciosa o dia dos seus annos que estava prestes.

Amanhecera. A manhã era linda e, como que a proposito, era o dia 1° de Abril, dia em que a tola completava quinze primaveras.

Oh! venturoso dia tão esperado por Alayde que despertara tão cedo, satisfeita pelo seu natalicio!

Apressadamente, corre a abraçar a sua progenitora, não se esquecendo de levar comsigo a photographia.

Ao dar com a autora de seus dias, foi perguntando logo: Mamãe, de quem é este retrato tão lindo? e olhos fitos no rosto materno, esperou, tremula, a resposta.

Imaginem seu espanto, vendo que esta, chorando, responde:

«Era o teu avô quando moço e ha bem pouco tempo falecido!»

Oh! triste decepção! oh! golpe horrivel para o coração de Alayde, que amava o retratado como si fosse seu noivo. O choque quasi a fulminou, pois não esperava tamanha decepção.

Não deu a conhecer a ninguem o logro porque passara...

Foi para o seu quarto e chorou durante dois dias aquelle fatal engano.

No terceiro dia, foi collocar o retrato no logar onde encontrara, jurando nunca mais ser curiosa.

I. P. AGUIAR.

Os galantes Maercio e Juracy, filhos do dr. Lupercio Fagundes, de Guaratinguetá

UM OURIVES

estava assentado em sua officina entre perolas e pedras preciosas. «Helena, disse elle a sua filha, a joia mais pura que eu tenho encontrado até hoje és tu, minha querida filha.

Um bello cavalheiro entrou.

— Bom dia, graciosa menina, bom dia meu caro ourives. Venho te pedir para fazeres uma magnifica corôa para minha noiva.

Quando a corôa estava prompta, rica e deslumbrante, Helena, mergulhada na mais profunda tristeza, logo que se viu sósinha, suspendeu o sumptuoso adereço e murmurou pesarosa.

— Ah! bemaventurada noiva a que vai uzar esta corôa! Como eu seria feliz si esse bello cavalheiro, se dignasse me offerecer uma corôa de rosas!

Passado algum tempo o cavalheiro voltou. Examinou a corôa com grande attenção.

— Meu caro ourives, disse elle em seguida, peço-te agora para fazeres um annel de diamantes para minha querida noiva.

Quando o annel estava prompto, Helena, triste e pesarosa, logo que se viu só poz o annel no seu dedo.

— Ah! bemaventurada noiva, a noiva que deve usar este annel. Si esse bello cavalheiro me offerecesse apenas um annel de seus cabellos negros, como eu seria feliz!

Pouco tempo depois o cavalheiro voltou e examinou o annel.

— Meu caro ourives, trabalhaste artisticamente este annel que eu destino a minha noiva amada! Mas, para que possa avaliar o effeito destas joias, approxima-te um pouco graciosa menina e deixa-me ver como ficam em ti esses ornamentos destinados a minha doce amada: ella é bella como tu.

Era um domingo pela manhã, e a gentil Helena tinha posto o seu vestido mais bonito para ir a missa.

Timida e ruborisada de um amavel pudor ella parou diante do cavalheiro. Este collocou em sua cabeça a corôa de ouro e no seu delicado dedo o annel e apertando-lhe a mão disse-lhe com emoção:

— Querida Helena, minha adorada Helena, tudo isto é um jogo, um disfarce. E's tu a encantadora noiva a quem eu destinei esta corôa e este annel.

A galante Myrtes, filha do sr. A. de Carvalho Rocha e de sua esposa d. Djanira B. de Carvalho, residentes no Ceará

Contos á lareira

A Princeza do Mal

(A quem eu sei)

CONTA, avozinha, mais uma das tuas historias, pediam-lhe os netinhos em derredor.

E a velhinha concentrada, evocando no pensamento abstrahido reminiscencias idas, illusões fanadas no transcorrer dos annos, começou com voz abafada, vinda dos arcanos do coração a que a primavera morta da vida não mais florescia:

« A Princeza Zilah era, meus netinhos, o mais perfeito expoente de belleza.

Linda, linda como as espiraes de um sonho bom, linda como um raio de sol.

Das longas terras distantes do Meio-Dia afamados menestreis do Levante consagravam-n'a no mais respeitoso dos cultos, na mais sincera das devoções.

Cada coração que a via, cada thuribulo incensando os seus encantos.

O proprio sol, alampadario magnifico da cathedral dos espaços, fulgurava illuminando-lhe a fronte, doirando-lhe os cabellos, cercando-a em um resplandor magnificente e assim seu espirito era feito exclusivamente de luz.

Os cabellos sedosos e brilhantes cahiam-lhe em nastras fulvas pelo busto como capuchos de milho ao fulgor translucido do sol.

Todas as manhãs viam-n'a no patamar do seu esplendido palacio, circumdado pelo mar, cujas ondas vinham soluçar-lhe aos pés, trazidas no sussurrar das brisas, encrespando ligeiramente o manto dagua azulada.

Vendo-a espreguiçando-se recostada em um divan e os pés pousados em rica pelle, raro specimen da raça beduina, parecia ella uma santa na contemplação de supremo extase.

No emtanto, meus netinhos, era ella o genio do Mal. O coração não o tinha para o Bem. Não amara ainda, não o lapidara o amor.

Desprezava os principes orgulhosos que lhe offereciam um mundo em troca de um dos seus sorrisos.

***

Ah! meus netinhos, quanto vale um sorriso na bocca de uma mulher bonita e má!

***

Na terra em que fulgurava a belleza de Zilah aportou um dia, trazido pela desgraça, um valente Centurião romano, cujos feitos na liça valeram-lhe um nome de heróe e o coração innocente de uma joven de raras virtudes.

A linda menina coroara seus feitos na arena, feitos que seu amor estimulou.

Com a chegada do Centurião, Zilah desejou vel-o. Para Zilah, meus netinhos, desejos eram ordens. Que o dissessem os cadaveres que as rajadas das chuvas inclementes e continuas alvejavam no poste de ignominia, em que eram executados os desobedientes as suas determinações.

Trazido á sua presença, Zilah admirou-lhe a plastica torneada de campeão. O coração da Princeza do Mal dilatou-se em haustos largos de orgulho vendo aquella athletica massa humana curvada como um fetiche que se ajoelha diante de um bonzo.

Elle beijou-lhe os rosados pés que alpercatas de couro de camello resguardavam. Zilah contemplou-o bem e demoradamente.

***

Afinal o imperio da carne tripudiou sobre o orgulho. A fraqueza daquella mulher perversa manifestou-se. Desejou-o e quando Zilah desejava era mais um cadaver a apodrecer ao sol das terras longas do Oriente.

E marcou-lhe uma entrevista. Entrevista da morte, meus netinhos!

***

Amigos do Centurião prenderam-n'o em casa. Que não fosse, diziam-lhe. Ficasse surdo ao chamamento de Zilah. Nada o dissuadiu do seu louco intento.

Ao contrario de Ulysses, livrou-se dos amigos que o prendiam e entregou-se á fascinação dos encantos da Princeza fatidica. Ella recebeu-o com orgulhoso desdem.

O Centurião rojou-se aos seus pés, humilde como o cão rastejando pelas plantas do seu bemfeitor.

Zilah desprezou-o vendo-o tão humilde.

Nos seus sonhos lubricos de mulher atormentada pelos desejos ella compunha a figura varonil de um homem excepcional e muitas e muitas vezes do mar fronteiro apparecia-lhe como uma miragem que breve se diluia nas brumas, o seu ideado amante, acalentado em noites de vigilia. Chegava tambem com orgulho; manchava-lhe o carmim dos labios, sugava-os como afoita abelha até que a calma voltava-lhe ao espirito e o duende se esbatia para as profundezas do pensamento.

***

O Centurião confessou, ante suas negaças, que por um dos seus beijos dar-lhe-ia a vida.

E ella, meus netinhos, tirou do annel um veneno violento, misturou-o no Falerno que lourejava na taça e deu-o a beber ao infeliz. E o Centurião preso aos seus encantos, advinhando-lhe nos labios frementes e no arfar anceiado dos seios promessas falazes de amor, exgottou-o de um só trago.

Houve um momento lugubre de espectativa.

A vida do infeliz concentrava-se nos olhos, onde bailava uma supplica ardente de amor. A acção do veneno não tardou. Nauseas fortes, ancias angustiosas, vermelhidão nas faces, tudo indicava que o Centurião ia morrer. Morrer, morrer pelo amor!

***

Como são heroicos os homens quando amam, meus netinhos!

***

Em vez de se revoltar ante tamanha perversidade, o Centurião contorcia-se em dôres aos pés de Zilah supplicando lhe um beijo, emquanto que ella afastava-o com brutalidade, rindo, rindo, rindo perdidamente...

A morte afinal immobilisou o desgraçado. Um thuribulo a mais que se apagava...

Vendo-o estirado aos seus pés, no coração de Zilah passou como rajada, um sopro de remorso.

Transfigurou-se. Os cabellos cahiam-lhe em desalinho como fios d'oiro que o vento agita.

Os seios arfavam como o dorso revolto do mar que os vendavaes sacodem.

Chorou; agarrou-se ao cadaver, beijou-o, querendo com o fogo do seu subito amor resuscital-o.

Aquelle amor era sua expiação.

***

O amor, meus netinhos, é o lapidario da alma. A elle devemos o que somos. O amor, neste caso, exalçou o heroismo de um innocente e remiu as culpas a uma mulher feroz.

Na praia o mar chorava e as auras cobriam de balsamicas emanações o corpo ainda quente do infeliz Centurião.

Nessa mesma noite, meus netinhos, a Princeza Zilah, o genio fatidico do Mal, libertou-se do soffrimento na Terra e foi, ainda bella na rigidez da morte, apresentar-se ao Juizo Supremo.

O castigo que teve, attenuado, talvez pela redempção do amor, não sei qual fosse.

Breve, porém, meus netinhos, não ouvireis mais as minhas historias e saberei então o que foi feito da alma de Zilah no seio d'Aquelle que distribue a justiça com bondade e com amor.

E o amor, meus netinhos, já o disse, é o symbolo da redempção.

PAULINO BARBOSA.

✻ DE TUDO UM POUCO

Os morcegos nos pomares

Não é facil a indicação de um meio seguro ou radical de impedir que os fructos de um pomar sejam atacados pelos morcegos.

Quando ha no pomar uma especie preferida pelos morcegos e não são muito numerosos os pés dessa especie, pode-se metter as fructas em saquinhos de panno ordinario ou melhor, em bolsas de tela de arame. Entretanto, para afugentar os morcegos do pomar, o melhor processo consiste em illuminal-o fortemente, por meio de globos de luz intensa, collocados em situação conveniente, segundo os pontos em que se acham as arvores que são atacadas.

O meio não deixa de ser dispendioso, mas dá resultado favoravel.

Não é conveniente pulverisar certos fructos com arsenicaes ou outras substancias venenosas.

Povo de pygmeus

Latham refere-se a um singular povo de abexins, os dokkos.

Dokko, o paiz desses monstros, está a um mez de viagem de Kaffa, ponto além do qual só vão os mercadores de escravos.

São pygmeus, andam nús, alimentam-se de insectos e pequenos reptis e trepam com agilidade simiana ás arvores para a colheita dos fructos; vivem no seio das brenhas de bambús tão densas que com difficuldade nellas penetram os caçadores de escravos.

Estes, vendo-os pousados nas altas ramadas, attraem-n'os com objectos brilhantes e assim os captivam.

As mães só reconhecem os filhos emquanto os amamentam.

Não têm governo nem leis; são covardes como os macacos e fogem assim que os atacam.

Lamentando o seu captiveiro, pulam, pondo as mãos no chão, escouceando e gritando — yer! yer! (o nome do seu deus, segundo o missionario anglicano dr. Beke).

A fala é uma especie de marmano que só elles e os caçadores entendem.

Domesticados, tornam-se escravos submissos e excellentes.

Anemia dos animaes

A palavra anemia quer dizer POBREZA DE SANGUE

Depois da pallidez da pelle e das mucosas, o symptoma da anemia é a *fraqueza* do animal. Uma grande lassidão ou torpor dos membros, os movimentos vagarosos, a attitude cabisbaixa, o olhar amortecido, um enfraquecimento geral, tudo isso é consequencia da pobreza de sangue, porque o sangue é que anima e revigora todo o organismo.

A escassez do sangue tem sempre por effeito uma grande perturbação das funcções respiratorias. O animal anemico respira por isso apressadamente numa verdadeira *dispnéa*.

Para cães e gatos, os cuidados são do mesmo modo, hygienicos e therapeuticos.

Ar puro, agasalho, asseio, alimentação escolhida, predominando a carne crua de boa fêvra e o leite, eis os principaes cuidados hygienicos.

Quanto ao tratamento medico, empregaremos os preparados ferruginosos, taes como:

Lactato de ferro... 2 gram.
Xarope de genciana. 200 gram,
(Duas colhs. das de chá cada dia.)

Numa colher de leite deitam-se cinco gottas de licor arsenical de Fowler e dão-se a beber pela manhã ao cão ou ao gato.

Por ultimo, dá-se o oleo de figado de bacalhau, uma colherinha por dia, como para as crianças.

RECEITAS

Beijos de freira — Leite de um côco, meia chicara de agua fervendo, 2 colheres de manteiga, 2 gemmas de ovos, um prato de maizena, assucar á vontade, agua de flôr; mistura-se tudo fazem-se os biscoutos e levam-se ao forno brando em taboleiros sem untar.

Pão de lot francez — Uma libra de assucar, 450 grams. Batem-se 10 claras á parte com casca de limão, depois juntam-se as gemmas, uma libra de farinha de trigo e vae ao forno.

CALÇADO
❀ IDEAL ❀

Nas casas:

Assembléa, 25

Esquina da Rua do Carmo

S. José, 34

e Carioca, 50

Entre amiguinhas

NINI — Ai Jesus! que soffro tanto
Co'a dor nos pés, infernal!

ESTHER — Sua tola! por que não compras
Do meu calçado — "IDEAL"?

NÃO FORAM PUBLICADOS
OS DIAS: 2 A 14